PRINCIPIOS GERAES

DE

PHILOSOPHIA DA HISTORIA

Dissertação para o Curso Superior de Lettras

POR

JOSÉ MARIA DA CUNHA SEIXAS

1878
TYPOGRAPHIA DA CASA PROGRESSO
153—Rua do Ouro—155
LISBOA

PRINCIPIOS GERAES

DE

PHILOSOPHIA

DA

HISTORIA

PRINCIPIOS GERAES

DE

PHILOSOPHIA DA HISTORIA

DISSERTAÇÃO PARA O CURSO SUPERIOR DE LETTRAS

POR

JOSÉ MARIA DA CUNHA SEIXAS
ADVOGADO EM LISBOA

1878
TYPOGRAPHIA DA CASA PROGRESSO
153—RUA DO OURO—155
LISBOA

CAPITULO PRIMEIRO

MOVIMENTO DA SCIENCIA ATÉ O SECULO XVII

A sciencia historica é inteiramente nova, é patrimonio dos tempos modernos.

Os antigos não conheciam verdadeiramente esta sciencia. Escreviam o que chamavam historia, sem procurarem as causas geographicas, ethnographicas, ethnologicas, biologicas, climatericas, philosophicas e religiosas dos factos e da sua ligação entre si. A falta d'este pensamento produzia outra maior, que era a carencia da verdadeira critica para se depurar a verdade do erro, a fabula e o que é inventivo da realidade e do que é certo.

Ha escriptores de merito no ramo da historia humana: não ha historiadores. Temos o pensamento epico em Herodoto, o pensamento politico em Xenofonte, Thucidides, Polybio e Tacito, o patriotismo geralmente, a admiração

da grandeza e do heroismo em Plutarcho e Cornelio: não temos sciencia historica em nenhum d'estes escriptores. E a par de Josepho, grave narrador do cerco de Jerusalem sem lagrimas sobre a extincção da sua patria, temos o imaginoso Quinto Curcio, que achou necessario semear de fabulas a vida do grande Alexandre de Macedonia, a qual, escripta com verdade e exactidão, seria, não obstante as fraquezas do homem, um magestoso poema.

Não tinha a antiguidade a noção de um ideal humanitario, de um fim commum, nem o podia ter, porque os povos eram considerados como essencialmente inimigos uns dos outros e a tradição da inimizade era uma tradição universal. Este pensamento da absoluta separação apenas se modifica na Grecia com a instituição da amphyccionia e dos jogos publicos e não obstante ainda o pensamento antigo prevalesce, estabelecendo successivas contendas entre o Peloponezo e a Attica, entre estes e a liga achaica, sendo estas rivalidades e divisões superiores á necessidade imperiosa da união perante o collosso romano, que triumphou de Aratus e de Philopœmen e implantou o seu dominio sobre toda a Hellida sob o nome de Achaia, pondo a fogo e sangue a formosa Corintho, ultimo reducto do pensamento e da força de tantas republicas, que chegaram a collocar em respeito a Asia persa.

A tradicção e a poesia antiga com raras excepções, sobresahindo n'estas Lucrecio, pregoavam uma edade de ouro anterior a todas as edades, descripta tambem pelas religiões; e assim a humanidade não tinha ideal no futuro visto que apenas lhe era dado chorar a perda de um paraiso que não volvia, e que cada vez se distanciava mais dos povos por ficar envolvido na noute dos tempos.

A moral favoneava o mesmo pensamento mostrando o nada das cousas humanas e comparando a vida do homem com as estações do anno e com a morte dos vegetaes, depois do viço na primavera e depois dos fructos do estio e outono. Se o homem individual era em si de pouco valor, o conjuncto humanitario nem sequer merecia ser concebido e pensado.

E nada d'isto admirará se attentamos em que o Oriente é todo em regra pantheistico: com o pantheismo nada su-

bsiste senão o eterno, o immenso: não ha historia: ha mythos apenas. O Egypto começa protestando pelos direitos da humanidade e já inscreve com extremoso zelo os feitos de seus heroes: mas o Egypto ainda respira a athmosphera oriental e nas proprias pyramidas, obra perfeitamente humana, representa a immensidão, de que não podia subtrahir-se. A Grecia escreve os feitos humanos, porque na Grecia já existe o homem a affirmar contra o immenso a sua realidade; mas não ha a idéa humanitaria, que não apparece senão com o pensamento christão.

Com o christianismo nasceu o laço eterno entre todos os povos, filhos do mesmo Deus, creados no amor universal para formarem juntos a formosa cidade de Deus, a Jerusalem sagrada do amor universal. O individuo, adquirindo dignidade e consciencia do seu valor effectivo, via em todos os mais o mesmo ser, dotado de alma, consciencia, e personalidade. A fraternidade universal completava o hymeneu commum. O christianismo trouxe ainda comsigo a idéa do progresso no dever da perfeição imposto a todo o homem. Assim o christianismo necessariamente importa uma revolução na historia pela essencia de seus principios e fundamentos. Esta revolução porém não se fez sentir senão depois de muitos seculos porque a humanidade raras vezes esgota logo e realisa uma revolução em todas as suas partes.

A idéa do progresso ou antes o uso d'esta idéa não existe na antiguidade apesar de figurar em Platão, Aristoteles e Lucrecio: appareceu apenas como um lampejo furtivo sem se lhe poder achar valor e applicação.

A edade medea difficilmente podia dar luz a este principio fecundo; no marulho da formação de nacionalidades, nas enormes lutas da Egreja, do feudalismo, da communa e da realesa, no embate de tantos povos, na confusão total de aspirações, mal podia surdir um principio commum. A unica instituição, a que era dado entre tamanho cahos levantar a bandeira do progresso, seria a Egreja, amostrando aos povos o evangelho e pregoando a idéa de perfeição.

Mas a Egreja por sua indole estacionaria e pelo seu despotismo contra a razão bem cedo abandonou a essencia

christã e não podia erguer alto o labaro da idéa, quando se afogava tanta vez nos meros interesses temporaes das suzeranias episcopaes e da theocracia papal. Se na edade medea se levanta uma ou outra voz como a de Abeillard a pugnar pela razão, é logo comprimida como um crime para não ficar em pé senão o molde ecclesiastico e authoritario.

Não é a edade medea uma noute completa: grandes luminares se levantam; Santo Anselmo, S. Thomaz e outros occupam-se dos altos problemas de philosophia, escrevendo obras eternas, monumentos impereciveis,

As tentativas da sciencia profana exhibem-se ainda e até com presistencia, mas o peso da authoridade é superior a tudo e triumpha a final o *ipse dixit,* adoptando-se a philosophia aristotelica ou antes uma philosophia chamada tal, e que o stagirita não conheceria por sua; e cerrou-se o campo das investigações.

A renascença é fertil em escholas philosophicas: o alvorecer do pensamento assignala-se bastante vivaz como a prenunciar novas eras de maior vigor e de mais dignidade para a razão humana. Em Padua estabelece-se a eschola peripathetica representada successivamente por Pomponaço, Campanella, Cesalpini e Vanini: o platonismo fórma tambem na Italia a eschola representada por Marcilio Ficino, Pic de la Mirandola, Bruno, Paracelso e Cardan: na Allemanha pertence á mesma eschola o cardeal Nicolau de Cuss e na França Pedro La Ramée ou Ramus.

Surgem as descobertas representadas por Galileu, Leonardo de Vinci, Copernico, Tartaglia, Kepler e outros. Floresce o scepticismo em França, tendo como representantes Rabelais, Montaigne, Bodin e outros, e o portuguez Sanches. Finalmente nasce a tormenta religiosa sendo os direitos da razão reivindicados pela corrente de João Huss, Savonarola, Jacob Boehm, Luthero, Calvino e outros; o espirito novo povôa rapidissimamente todos os paizes, seguindo-se as guerras e convulsões, que agitaram o mundo europeu.

A revolução devia ser por tanto completa na sciencia, que ficava esperando novos interpretes e um sacerdocio adequado.

Bacon, espirito pratico, debalde procurava uma luz verdadeira na edade medea. Inclinando-se ao pensamento novo de Galileu e outros physicos italianos, fustigou a inanição, as palavras occas da edade medea, o movimento aristotelico ou o que se chamava philosophia aristotelica e fundou effectivamente a physica sobre o principio da experiencia e com o methodo inductivo.

Na theoria das causas dos nossos erros Bacon proscreveu os erros de habito, chamados por elle *idola specus, idola fori, idola theatri,* sustentando, que não ha outra auctoridade senão a da razão nem outros processos senão o exame detido e minucioso dâs cousas.

Este espirito, este pensamento fez vêr a Bacon, que a humanidade é perfectivel: que a edade de ouro não está nos tempos primitivos mas sim no futuro: que a mocidade do mundo estava nos tempos primittivos, e a antiguidade em nós, que temos o dever da perfeição e de caminhar.

Sem nos demorarmos na exposição dos mais principios de Bacon, que foi logo seguido por Hobbes, o mais logico dos seus discipulos, e por Gassendi que ressuscitou a philosophia de Epicuro e notando, que Hobbes proclamava a necessidade de o poder publico servir para utilidade dos povos, isto é, dos governados, no que mostrava advogar a idéa de perfeição sob o nome de utilidade, chegamos a contemplar o mais arrojado revolucionario da sciencia moderna, **DESCARTES.** Foi este o grande renovador e creador da sciencia apenas antevista em Bacon, que mal se levantava sobre a desordem da edade medea. Se Bacon creou effectivamente a physica (e nada mais) Descartes creou a sciencia toda, rasgando novos horisontes a todos os ramos do nosso saber e estabelecendo bases largas, que deviam collocar o pensamento na verdade pelo seguro e inabalavel caminho da evidencia.

Quando a realeza ia chegando ao apogeu, quando a Egreja aos renovadores oppunha os anathemas do concilio de Trento, é realmente ousado o pensamento do homem, que declara em nome da rasão, que é necessario começar-se pela *duvida provisoria* para não acceitarmos senão o que for *evidente.* Descartes inicia as suas nobres *meditações* pela *duvida methodica:* affirma que não podemos errar

quando não aceitemos por verdadeiro senão o que fôr evidente: em quanto não ha evidencia não devemos avançar um passo: as famosas quatro regras do methodo de Descartes repousam todas na necessidade da evidencia.

Posta esta base, prosegue o elevado espirito a achar a certeza na celebre formula *penso logo sou*. E entrando no campo das verdadeiras realidades acha o pensamento e o ser, a certeza que hoje depois de Kant chamamos subjectiva e objectiva e partindo da idéa de perfeição acha o infinito e eleva-se facilmente ás mais altas realidades ontologicas, proclamadas com a segurança da convicção e com a lucidez de um pensador completo.

A philosophia de Descartes teve logo na Egreja um inimigo declarado. Era arrojo pedir a todas as cousas o titulo da evidencia para serem recebidas: era crime ir por este caminho collocar a theologia na necessidade de se defender com a evidencia. Mais tarde porem, apreciada a philosophia do grande mestre pelo seu lado platonico, a Egreja entendeu dever abrir as suas portas a esta philosophia e remodelar os estudos pelos novos caminhos abertos á exploração scientifica.

Descartes foi effectivamente *platonico* em geral sendo esta a sua feição predominante e não a de idealista como quer erradamente Cousin, que o não aquilatou com justiça.

As idéas ontologicas são para Descartes idéas humanas por se acharem na razão e *divinas* por partirem do ente supremo, onde *são* estando em nós.

N'este pensamento seguiram Bossuet e Leibnitz, que aperfeiçoaram o systema das idéas.

Algumas indecisões de Descartes levaram porem outros de seus discipulos a diversas direcções. Assim a theoria da percepção externa deu logar á eschola sensualista, seguida por Locke, discipulo de Descartes e inspirado tambem por Bacon. A passividade da intelligencia ao receber as sensações levou Spinosa ao pantheismo, seguido inconscientemente e com diversa forma por Malebranche. Outras indecisões de Descartes levaram Arnauld e Regis a fundar a eschola idealista aristotelica, mais tarde represenda em Kant.

Com as quatro escholas, espiritualista e platonica, aris-

totelica ou idealista, pantheistica e sensualista, fica explicada toda a historia da philosophia desde os mais antigos até os tempos contemporaneos. Todos os mais systemas são consequencias e desviações d'estes grandes módos de vêr: idêas em nós e Deus ou espiritualismo, idêas pelas sensações ou sensualismo, idêas em Deus ou pantheismo, idêas em nós ou idealismo.

Sem nos demorarmos na explanação da philosophia carteziana e proseguindo no nosso trilho, achamos em Descartes a firme crença no valor da individualidade humana e por outra parte a idéa da perfeição, defrontada adeante de nós. Descartes collocou a sciencia em novas bases e, proclamando a idéa de perfeição e do infinito, implicitamente aceitava a idéa do aperfeiçoamento humano em que Descartes acreditava, pois tinha toda a fé na nossa perfeitibilidade pelo esforço.

Bossuet, seu fiel discipulo, marchando na via religiosa e antevendo a cidade de Deus de Santo Agostinho e a edade de ouro pelo christianismo, escreveu uma historia universal synchronica, mostrando a Providencia a guiar os passos humanos e entendendo, que a historia patenteia esta influição providencial, que é segundo Bossuet a lei historica. De Bossuet herdou por tanto a sciencia a idéa do genero humano no seu conjuncto synchronico e continuado e a lei providencial presidindo aos destinos humanos.

Pascal, meio sceptico, espirito fino e elevado, concebe o homem universal, que subsiste sempre e apprende continuadamente; acha por tanto para o genero humano a infinidade.

Leibnitz funda a sua grande philosophia platonico-monadologica: aperfeiçoa o conhecimento das leis mathematicas sobre a infinidade: é conjuncta e simultaneamente com Newton o inventor do methodo infinitesimal; e com estes principios levado do optimismo proclama a grande lei da *continuidade,* a harmonia das monadas, a actividade das substancias, um movimento constante de perpetua e inexgotavel ascensão; e funda assim a idéa do progresso na philosophia, na sciencia e na historia, mostrando a continuidade como a lei capital do mundo physico e móral. A philosophia de Leibnitz supprimiu a liberdade humana, e n'este sentido é determinista como hoje dizemos; mas abriu

um rasgado horisonte sobre o viver humanitario pela lei da continuidade hoje revivente na philosophia hodierna sobre o nome de evolução.

O seculo XVII deixou portanto fundada a sciencia em geral e iniciou brilhantemente uma nova concepção da historia humana, legando elementos, que o futuro tinha a explorar para se formar definitivamente uma sciencia nova, verdadadeira e real.

CAPITULO SEGUNDO

MOVIMENTO DA SCIENCIA NO SECULO XVIII

Para apreciarmos bem a influencia d'este seculo retrocedamos um pouco em contemplação retrospectiva.

O seculo XV marca as ultimas agonias do antigo baixo imperio: e depois da resistencia de Bajazet ao Tamerlão, embalde Paleologo se quer soccorrer aos imperios do occidente e varre-se da scena o imperio constantinopolitano e os topes das novas egrejas exhibem a meia lua triumphante de Mahomet.

O sèculo XV marcava a epoca da renascença, dàs descobertas, da bussola, da imprensa, da polvora e da nova tactica militar, dos bancos, do renascimento, dos classicos, de Colombo e Vasco da Gama. O mundo rejuvenesce-se e acorda da longa edade medea, que parecêra um somno mas que foi effectivamente uma laboriosa preparação de

elementos, que na nova edade haviam achar emprego solido e duradouro.

Este é o seculo de Joanna d'Arc, a virgem de Orleans, que, depois de chamar a si a França toda, salvou a nação e a realeza para depois ser barbaramente sacrificada; de Alberto II, e Frederico II; do odioso Luiz XI, o parricida, que, fundando o despotismo, tambem libertou o povo do feudalismo sendo instrumento da liberdade apezar de cruelissimo despota; dos falsos pontifices; dos concilios de França, Pisa e Constança, Bale e Florença; das perseguições contra o espirito novo de Viclef e dos supplicios de João Huss e Jeronimo de Praga, que invectivam a simonia e os abusos clericaes; das campanhas militares dos hussitas, que derrotaram o exercito catholico, cheio de indulgencias e impotente contra os excommungados; das derrotas dos mouros em Portugal e Hespanha: dos papas immoraes como Xixto IV e Alexandre VI Borgia; da simonia dos Borgias; do pensamento patriotico e da pura fé de Savonarola, que, pregoando a boa nova da independencia italiana, o temor de Deus e egualdade humana, o olvido das injurias, o amor do proximo e a esperança no futuro, cahiu no desagrado de Alexandre VI Borgia e da inquisição, sendo, depois de muitas torturas, queimado vivo a 23 de maio de 1498.

O seculo XVI foi ainda mais tempestuoso e deu logar a muito maiores acontecimentos: é o seculo dos grandes imperios e da realeza absoluta dos Maximilianos e de Carlos V e Filippe II, altamente catholicos; de Francisco I por extremo cavalheiroso e digno antagonista de Carlos V; de Bayceto II, Selim I, Solimão o magnifico e Amurat II; é o seculo da perversa Catharina de Medicis; das desordens dos Montemorency e Guises, em que o povo era a principal victima; do horrendo morticinio dos huguenotes no dia de S. Bartholomeu; dos assassinatos de Henrique III e Henrique IV pelo punhal de Jacques Clemente e Ravaillac; dos concilios de Pisa e Latrão depois das desordens pontificaes; do grande Leão X e das enormes luctas contra o reformador Luthero; da separação da egreja anglicana, declarada protestante por Henrique VIII no tempo de Clemente VIII; do estabelecimento da sociedade dos jesuitas

e das perseguições contra os lutheranos no tempo de Paulo III; das convulsões em todos os povos pelas luctas religiosas; dos inuteis esforços do virtuoso papa Marcello II para a reforma da Egreja; das crueldades frias e inexoraveis e das contradicções de Xixto V, envenenado pelos jesuitas, que tinha favorecido e cujos terriveis manejos depois quizera reprimir; finalmente do concilio geral de Trento, convocado por Paulo III, continuado por Julio III e acabado por Pio IV com o fim de condemnar Luthero em todo o mundo, Zwinglio na Suissa, Bruno, Campanella e Savonarola na Italia, Calvino na França e geralmente todos os reformadores. O espirito novo todavia, libertando da auctoridade a razão humana e elevando-se acima dos temerosos anathemas do concilio, devia mais tarde produzir seus effeitos.

Depois da dieta de Worms, reunida por Carlos V contra a reforma, succederam a confissão e protesto de Augsbourg, a liga de Esmalkalda, as convulsões na Suissa e na Genebra, o tratado de Passau, a paz de Augsburg, os reinados de Henrique VIII e de Isabel II na Inglaterra e a morte cruel de Maria Stuart e outros acontecimentos; e finalmente ficou preparado um espirito novo.

A philosophia dos seculos XV e XVI, levantando-se um pouco sobre a escholastica, não deixa todavia de apparecer, como já vimos no capitulo antecedente referindo-nos ás quatro escolas platonica, pantheistica, aristotelica e sensualista.

A eschola politica não podia ir muito longe, visto o despotismo d'aquelles tempos e as tradicções da escholastica. Luthero era intolerante e negava o livre arbitrio: mas por outra parte sua doutrina sacodia o jugo da auctoridade e importava consequencias notaveis, porque a logica impõe-se. Hubert Languet, considerando o governo como um contracto entre o povo, o rei e Deus, contracto nullo se o rei o viola, era precursor de Hobbes, Locke e Rousseau.

A soberania entrou a ser discutida, e entendia-se estar o povo acima do rei: e n'isto estava o movimento politico. A theologia dividia-se e desordenava-se com o advento dos reformadores e em virtude d'isto a auctoridade religiosa era sacrificada á consciencia individual, antepondo-se esta

ás decisões dos concilios. A eschola politica não conta pensadores notaveis; mas ia entrando nos povos o principio da discussão e este devia mais tarde revolucional-os.

O seculo XVII abre-se com o pontificado do virtuoso Leão XI, a quem não foi possivel realisar seus nobres intentos, pois só teve vinte e seis dias de pontificado; continuam as desordens chronicas da Italia, as ambições pontificaes para o dominio universal pelos decretos do concilio de Trento; as dissensões dos jansenistas, molinistas e quietistas: exhibem-se a lucta da França contra o pontificado e as quatro celebres proposições de Bossuet sobre as liberdades da Egreja gallicana no tempo de Innocencio XI: a tentativa de Mazaniello: os notaveis vultos de Urbano VIII, Innocencio X, Luiz XIII, Richelieu, João Sobieski, rei da Polonia; parte do reinado de Luiz XIV; as guerras de religião: a queda de Carlos I, a ascenção de Cromwal: a guerra religiosa dos trinta annos e o seu heroe Gustavo Adolpho; a liga de Augsbourg e a paz de Rinswich.

O seculo XVIII alteia-se acima das meras tentativas dos seculos passados; instaura e funda a philosophia em Bacon, Hobbes, Gassendi e Locke e em **DESCARTES,** Malebranche, Spinosa e Leibnitz e outros vultos grandiosos, a quem devemos a fundação e progressos de todas as sciencias.

Estas exposições mostram, que os seculos vão preparando os elementos para uma grande lucta, em que a liberdade, aproveitando todas as conquistas da razão e reagiudo contra os excessos e illigitimidade do despotismo dogmatico, politico e civil, alcançará o triumpho, preparado de antemão pela philosophia, pela litteratura e pelos costumes até se fazer carne pela demolição do passado, pelo advento da idéa nova e da sua realisação pratica nas sociedades.

Chegamos ao seculo XVIII. Abre-se com as campanhas contra Luiz XIV, que queria o predominio universal terminadas com a paz de Utrecht: exhibe as guerras internas da Allemanha e dá inicio á nação prussiana, elevada depois por Frederico Grande: mostra os progressos das raças slavas, que entram a figurar na Europa com grande brilho: exhibe-se a tragica divisão da Polonia, repartida entre os conquistadores como o manto de Christo; realisa-se a restauracão de Carlos II e o regimen constitucional re-

presentativo na Inglaterra: finalmente avultam os reinados de Luiz XIV, de Luiz XV e Luiz XVI, a independencia dos Estados da America: e segue a memoravel revolução franceza de 1789, que continua sempre até o dominio de Napoleão.

A revolução de 1789, que sendo franceza se deve reputar universal, é a ultima palavra d'este grande seculo e foi um eloquentissimo pregão a favor dos direitos da humanidade, fazendo estremecer e desmoronar-se todo o passado em todos os povos pela victoria do evangelho revolucionario no novo templo, que se erguia e se amostrava em nome do progresso e em nome da esperança.

Os encyclopedistas tinham trovejado no mundo a philosophia, entrada dentro dos paços dos reis e que estava no proprio throno de Frederico da Prussia: a critica andava por todas as partes: o velho mundo advinhava o seu desmoronamento e não ousava luctar contra a corrente caudalosa da idéa: os povos saudaram a idéa nova pregoada por Condorcet, Danton e Robespierre, Marat, Saint Just e pelos girondinos. A boca inflammada de Mirabeau trovejou as choleras contra o passado: a montanha acabou a demolição: os excessos foram sem conta; os horrores e crimes tremendos: a idéa porém triumphou e venceu: o decreto dos direitos do homem encarnou-se na consciencia publica: os principios christãos da liberdade, egualdade e fraternidade, acharam echo e abrigo em todos os corações: a acolhida foi universal. E quando depois as legiões napoleonicas correram a Europa, ia com ellas um espirito novo e esse ficou nos povos a absolver os enormes crimes e horrendos abusos commettidos pelos invasores.

O seculo XVIII é analytico e é critico: é este o caracter de todos os seculos de demolição. A philosophia dos encyclopedistas era geralmente o sensualismo, que se prestava mais á analyse do passado e á critica das instituições existentes. O seculo XVIII era sceptico em parte, porque, cansado de vêr tanto erro social, não podia ter idéa edificadora completa: era incredulo, porque a critica não lhe deixava subsistir a fé: a sua apologia é o proprio exame das circumstancias, que o precederam e das que o seguiram: é porem um seculo crente no progresso e nos direitos da

humanidade; e n'este sentido é um seculo completo, que teve um plano e o realisou: foi um seculo de exame e de acção: assemelha a palavra e a espada de Mahomet: pregoada a idéa, despedidas as ventanias, surgiu a tempestade: aventada a philosophia, seguia-se a sua realidade effectiva, e surge a revolução de 1789.

A philosophia do seculo XVIII é meramente sensualista?

A historia pelo lado meramente chronologico diz que não: os resultados geraes da critica dos systemas asseguram o triumpho, a victoria do espiritualismo. E além de um e outro systema ha n'este seculo o mysticismo de uns e o scepticismo de outros. A philosophia nova porém, estabelecida principalmente por Kant e Fichte na Allemanha e Reid na Inglaterra, foi só escutada no seculo XIX. Foi o nosso seculo, que deu ouvidos áquelles tres vultos e evocou a sombra de Descartes. No seculo XVIII predominou a philosophia sensualista, por mais prestavel á idéa do seculo, que é a critica analytica com o fim ostensivo e immediato da demolição do existente e o fim real e esperado d'uma nova civilisação da humanidade, modelada não por tradicções e por interesses creados, mas pela natureza. Os philosophos espiritualistas, que renovaram os principios de Descartes e vieram com systemas novos, pertencem ao ultimo quartel do seculo XVIII, floresceram ao expirar do seculo e por isso não podiam ter n'elle influencia, porque o verbo vinha tarde e já a sociedade estava impregnada de outros elementos: é por isso que, devendo as ultimas conclusões da philosophia do seculo XVIII ser espiritualistas, pelo contrario a idéa do seculo é outra: e vê-se que o seculo, sendo destruidor, deixou um patrimonio efficaz para o remodelamento.

Á philosophia do seculo XVIII tambem compete o caracter de propagandista: não se achava recatada no gabinete dos sabios: pelo contrario expandia suas luzes na sociedade com uma febre ardente, em especial na França, que foi o grande instrumento providencial para a gigantesca obra humanitaria, da verdade, da razão e da justiça.

Lançada assim uma vista geral sobre o seculo XVIII, vamos expôr em especial as theorias maisn otaveis, que este seculo nos exhibe acerca do objecto que nos occupa.

Fontenelle advoga a idéa da perfectibilidade humana; mas não é rasgado no campo e alcance que lhe abre, pois parece limitar essa perfectibilidade aos trabalhos do espirito e não ao movimento geral humanitario.

Montesquieu no seu *Espirito das leis* acha um ideal de justiça; e reagindo contra a idéa de que as leis sejam o puro arbitrio ou o resultado da vontade dos legisladores, antes declara, que ellas são relações necessarias, que se deduzem da natureza das couzas. Escrevendo sobre as causas da queda do imperio romano occidental, iniciou o estudo da historia sob um novo aspecto, encarando o andar dos acontecimentos não na sua realidade material mas na sua realidade moral.

Mably escreve a *Historia de França* e a *da Grecia* sob uma forma inteiramente nova, mostrando a ligação dos factos entre si, o encadeamento das epochas, os fundamentos, causas, origens e circumstancias de cada instituição, e patenteiando assim um grande conjuncto de leis e pensamentos, que dão a indole, feições e caracter dos povos gregos e das instituições da França durante os periodos da invasão franco-germanica durante os tempos dos Carlovingios e dos Capetos onde termina. As observações de Mably não são menos estimaveis pela epocha em que foram escriptas e não perde o tempo quem lêr estes dois livros.

Voltaire, escrevendo sobre os costumes das nações em geral, iniciou tambem estudos novos. Voltaire tinha viva crença no futuro, quando se destruisse a velha farragem dos antigos regimens: confiava plenamente no poder da razão, impugnando de face os prejuizos do tempo e imaginou vêr no seculo XVIII o verdadeiro seculo das luzes; e por isso despresa bastante os trabalhos anteriores da humanidade. Desejando fazer a historia do espirito humano, quer que a razão succeda ao prejuizo, a luz ás trevas do passado. Este desprezo pelo passado o obseca a ponto de não vêr a grande ligação dos factos. Na moral era espiritualista e não poupa o barão de Holback e de Lametrie; e assim concebia leis moraes eternas, absolutas, independentes dos tempos e dos logares, ideal permanente do genero humano.

A feição de Voltaire é mais religiosa que politica. Voltaire atacou principalmente os preconceitos religiosos; tentou mostrar os erros das concepções religiosas para libertar o espirito humano da escravidão theocratica e para fundar definitivamente o reinado da moral e da justiça.

A feição politica apparece principalmente em Rousseau, que foi o camartello do antigo regimen, ao qual oppoz a soberania do povo e os direitos da razão. Para este fim imaginou um novo *estado de natureza,* onde estivera realisado o ideal de justiça que proclamou; e quiz em seus escriptos demonstrar a necessidade de conter os abusos, que ás vezes nascem do progresso das sciencias e das artes. Rousseau crê vivamente no futuro e na perfectibilidade do homem pela educação. As suas idéas sobre a historia e sobre o progresso são um pouco indecisas como as de Voltaire. Ambos porém são concordes em imaginarem um ideal de justiça pelas leis da moral, que Rousseau tambem considera absolutas, sendo como Voltaire perfeitamente espiritualista na moral.

Diderot e d'Alembert são espiritualistas na moral e em ambos, como em todos os encyclopedistas, ha viva fé no futuro, ainda que não fallem propriamente na nossa perfectibilidade.

Condorcet escreveu uma obra sobre a perfectibilidade humana. Em Condorcet nota-se especialmente a crença na perfectibilidade humana, o respeito pelo passado, pois já vê nas revoluções da historia a prova da perfectibilidade e a utilidade dos nossos esforços. Condorcet advoga a these da perfectibilidade indefinida e que não ha termo algum no aperfeiçoamento das faculdades humanas. Finalmente propõe um ideal, que consiste no progresso da egualdade e na extincção das desegualdades entre os povos, no aperfeiçoamento das artes, no bem estar commum e no imperio da moral pratica.

Turgot seguiu Condorcet: crê firmemente na nossa perfectibilidade: compara as civilisações: mostra o proveito dos nossos esforços para o augmento das luzes scientificas, e para a libertação do homem: advoga a necessidade de se manifestarem livremente as nossas faculdades e aspirações. Finalmente Turgot sustenta, que ha tres epochas na

humanidade, que são com pequena differença as mesmas, que Comte depois desenvolveu.

Stael crê na perfectibilidade humana e advoga a idéa do progresso, fazendo-o depender do cumprimento da verdadeira moral. Stael era espiritualista no mais alto grau.

Tal é o movimento francez das idéas de perfectibilidade e de humanidade.

Na Allemanha Wolf tinha constituido em corpo de sciencia a philosophia leibnitziana e deu por alvo á moral a perfeição.

Lessing segue pela mesma rota, advogando em um livro sobre a *educação do genero humano* não só a educação do individuo mas a da humanidade. E mira tambem a um novo ideal, trocando-se o mal pelo bem, espiritualisando-se o homem e passando o genero humano de um estado grosseiro e criminoso a um estado de perfeição e de virtude, de gloria e felicidade. Crendo na razão sustenta e prenuncia a vinda de um *evangelho eterno*, fundado na razão pura.

A Italia iniciara-se no seculo XV com Machiavel, que sustentando a necessidade da ordem na sociedade advogava o despotismo, o que, segundo Edgar Quinet não era para Machiavel senão um meio indirecto de tornar odioso o regimen absoluto por patentear as infamias de que tinha a servir-se.

Chegamos portanto a Vico, que com razão é considerado como o creador da philosophia da historia e como tal a si proprio se proclamou intitulando um de seus livros *Sciencia nova*. Vico escreveu os lineamentos de uma historia universal. Segundo Vico a humanidade tem fim proprio e opera para esse fim. Assim como nas nações ha uma natureza commum assim a ha na humanidade: d'essa natureza commum se deriva um novo direito natural, estudado e colhido nas indicações historicas da humanidade, devendo estabelecer-se por verdadeiro e justo tudo aquillo, que a humanidade tem abraçado em todos os tempos e logares. Os principios assim colhidos devem servir de regra á vida social e humanitaria e fundamentar o direito natural. Ha tres epochas na historia: divina ou theocratica, heroica e humana, correspondentes aos tempos obscuros, fabulosos ou historicos. Vico estabelece ainda a providencia na historia, a neces-

sidade da moderação das paixões, a santidade da instituição do matrimonio e a immortalidade da alma. Como italiano e religioso considera, que a historia ou a sciencia nova é uma *theologia civil da Providencia divina.* Para complemento da sciencia entendeu, que quando uma nação adquire o apogeu da sua civilisação possivel se corrompe em seguida: d'aqui resulta a anarchia social: esta pede a monarchia para o estabelecimento da ordem: se isto não acontece, o povo é escravisado e só se levanta seculos depois: d'este modo ha constantes *retornos:* a humanidade não faz mais que descrever circulos.

Ficava pois creada em Vico a philosophia da historia, como sciencia independente com existencia propria e leis peculiares. Ficava tambem patente, que a historia não é uma simples e mera successão de factos, pois n'ella mostra uma constante marcha governada por leis. Apparece a humanidade como um ser proprio com vida collectiva, solidaria e commum, no passado, no presente e no futuro. Fica tambem assentado, que ha um ideal para a historia, isto é, para a humanidade, e que a historia é a manifestação e realisação d'esse ideal.

Vico não concebeu claramente, que os retornos ou circulos não são identicos nem eguaes, pois se vão dilatando successivamente. Guizot concebe melhor a historia e a civilisação, porque declara, que esta importa dois desenvolvimentos: o do individuo e o da sociedade: e assim é certo, que os circulos se dilatam e que as epochas não se repetem nem se copiam. Alem d'isto Vico preoccupa-se demasiadamente da parte politica e juridica, fazendo menos caso dos mais fins humanos.

Concluimos, que o seculo XVIII foi o creador da philosophia da historia definitivamente estabelecida em Vico e preparada no seculo XVII. Este constituiu a sciencia humana em geral: o seculo XVIII constituiu a sciencia historica, isto é, a sciencia das leis da actividade do genero humano na sua incessante marcha.

CAPITULO TERCEIRO

PHILOSOPHIA ALLEMÃ, FRANCEZA E ITALIANA, NO SECULO XIX

Comecemos por contemplar no presente seculo o movimento allemão, que forma uma vasta serie d'esde Kant, patriarcha da nova philosophia até Hartmann e os mais philosophos contemporaneos. Kant pertenceu ao seculo XVIII; mas a sua influencia só se sentiu no presente seculo, que conta este philosopho na galeria começada depois do seculo XVIII. Não sendo possivel em rapido esboço mostrar a physionomia particular de cada um dos grandes pensadores germanicos faremos apenas sentir a gradação genesica da grande serie allemã, onde figuram o criticismo subjectivo de Kant, o eu absoluto de Fichte, o sujeito-objecto e o absoluto de Schelling, o realismo espiritualista de Jacobi, a idéa evolutiva de Hegel, o realismo monadologico de Herbart, a harmonia panentheistica de Kranse, o

archi-absoluto de Vronski, o pessimismo de Schopenhauer, o monismo inconsciente de Hartmann, o evolucionismo de Haeckel, o materialismo monista de Strauss. Apezar das profundissimas divergencias, que separam os philosophos, ha uma certa marcha uniforme de uns para outros e por isso a philosophia allemã de certo modo se continua desde Kant até hoje e todos os successores de Kant se dizem seus discipulos. Esta gradação não exclue a classificação d'estes philosophos. Assim Kant, Fichte e Wronski são idealistas ou aristotelicos, Schelling e Hegel são pantheistas, Jacobi e Herbart são uma transição para o sensualismo divergindo porem profundamente entre si. Schopenhauer, Hartmann e Strauss são monistas e partem da sensação e Hoechel é sensualista materialista. O purissimo espiritualismo de Platão só se contempla na razão pratica de Kant e na theoria das idéas de Krause, que todavia é panentheista.

Kant collocou a moral e o direito acima das vicissitudes humanas, proclamando a regra immutavel do bem, a liberdade moral, o direito pela liberdade, a existencia de Deus e a immortalidade da alma. E estabelece as leis da these, antithese e synthese. Toda a antinomia se resolve em uma these e uma antithese: a these defende o mundo ideal: a antithese o mundo sensivel: a synthese só se acha na razão pratica.

Herder pertenceu ao seculo XVIII mas a influencia das suas doutrinas só se fez sentir no presente seculo. Herder era seguidor das doutrinas sensualistas de Locke: combate Kant, defende alguns dos principios de Spinosa e entre elles o fatalismo, pois considera, que tudo no mundo está submettido a uma necessidade racional e tudo é perfeito como expressão da natureza divina.

Na philosophia da historia, onde Herder se tornou mais notavel, mostrou, que a historia tem leis e plano divino: o genero humano é um: o homem é o ultimo grau das series da creação. A civilisação é o fim da historia: a Providencia no governo do mundo tem em vista o reinado do bem e da razão. As leis historicas são tão reaes como as da physica. Herder sustenta a influencia dos tempos e dos logares e a formúla assim: a humanidade não é nem foi

por todas as partes conforme as circumstancias do tempo e do logar senão aquillo que ella podia ser e nada mais senão o que ella podia ser.

Herder não queria sahir da experiencia mas vê-se obrigado a alcançar a metaphysica quando trata da razão e do futuro humano e de outras theorias. Herder não partiu do elemento religioso como Bossuet, nem do elemento politico como Vico, mas deu entrada á arte, á industria, a todos os fins humanos, escrevendo de modo que se suppõe que, se Vico não tivesse creado a philosophia da historia, Herder certamente a teria creado. Os estudos de Herder foram muito apreciados e são bastante conhecidos.

Fichte, começando pela *Doutrina da sciencia* e acabando pelo *destino* do homem, busca sempre o bem absoluto e acha as leis da necessidade e da liberdade: colloca na pyramide de toda a sciencia a personalidade humana.

A formula geral de Kant era esta: faz o bem pelo bem. A de Fichte é esta: ama o dever pelo dever.

Os deffeitos da moral e direito de Kant parecem ser: a imperfeita concepção da liberdade, a incompleta concepção do bem e a noção simplesmente negativa do direito. O que porem permaneceu é a imperiosidade do dever, a dignidade da moral e a personalidade humana.

Os deffeitos da theoria moral de Fichte são: a subjectividade idealista, a falta de realidade do dever, que implicando dois termos, o que manda e impõe a lei e o que a pratica, não pode ser contida na noção do eu, unica realidade, a liberdade demasiado individualista e a insufficiente noção do direito. Permanece porem a personalidade e dignidade do ser humano.

Segundo Fichte as epochas da historia são cinco: edada *primitiva ou de innocencia,* reino da razão realisada instintivamente e sem esforço nem liberdade: edade da *auctoridade e do peccado,* em que esse instincto jaz corrompido e apenas é sustentado por algumas pessoas: edade de *corrupção* universal, em que a humanidade despedaça os jugos da auctoridade e da razão: edade da *sciencia,* começo da rehabilitação pelo amor da verdade como bem: edade da completa *justificação,* que é o regresso á edade primittiva com sciencia, com liberdade, com virtude e razão. A humanidade acha-se na passagem da terceira para a quarta edade.

Schelling descreve o universo, o homem, o estado, a sociedade e a historia, sendo as leis do universo as mesmas do absoluto em seu desenvolvimento: as leis historicas refletem as leis d'este desenvolvimento no seio do ideal. As potencias do real no termo do seu desenvolvimento resumem-se no homem, que é a coroa da natureza. A historia é o theatro do desenvolvimento do absoluto nos seus poderes, que são a lei moral, a felicidade, a sciencia, a religião, a arte e o estado. A cega *necessidade* da natureza debate-se com a mais illimitada *liberdade*: mas ha acima d'isto uma tendencia para Deus. A historia realisa o direito e os mais poderes do absoluto e objectiva a noção preesistente na nossa intelligencia e implica um progresso indefinido e a perfectibilidade. A historia na sua tendencia é um hymno continuado, em que Deus se revela incessantemente. Os tempos historicos dividem-se no periodo da *fatalidade,* que foi o primeiro, no da *natureza,* que é o segundo e que parece começar na republica romana e no da *Providencia.* Estes tres elementos, fatalidade, natureza e Providencia, são diversas faces do mesmo absoluto, identico a si proprio.

Schelling occupa-se em mostrar, como o ser começa pela natureza inorganica e passa pelo organismo até alcançar a consciencia. São de Schelling estas palavras: «a imaginação da natureza dorme na pedra, sonha no animal e eleva-se no homem até a consciencia»

Este systema, peccando pelo principio da identidade universal, não deixa subsistir a variedade de elementos.

Hegel, partindo da triade na idéa, isto é, da idea logica, natureza e espirito, mostra como ella se transforma. Como idea logica manifesta-se como qualidade, quantidade, objectividade e outras qualidades: na esphera da natureza a idéa desenvolve-se exteriormente: como espirito tem o seu mais elevado desenvolvimento.

A historia resulta da combinação do elemento multiplo, phenomenal, com um elemento fixo e sempre um, identico a si proprio: o erro é o elemento perecivel, a verdade é o elemento eterno: ella é a objectivação do espirito em sua incessante actividade. A manifestação do espirito em suas determinações constitue as epochas humanitarias.

O drama historico não marcha ao acaso e a multiplicidade sujeita-se a leis. Entre as epochas historicas não ha só successão mas tambem geração. E sempre o espirito é animado, sendo a historia a expressão do mundo invisivel.

A historia desenvolve no tempo o espirito universal e é a razão divina, que se manifesta no governo do mundo. O espirito realisa-se livremente, porque, sendo a liberdade escencial ao espirito, é pela historia que se adquire a consciencia actual d'essa liberdade.

O progresso é filho das luctas do espirito em que ha tres graus, a que correspondem outras tantas epochas: a oriental, reino de ignorancia do espirito sobre os seus poderes, reino da fé e do despotismo: a da liberdade, em que o espirito toma posse de si proprio sem o triumpho completo (Grecia e Roma): o da liberdade geral, que é a plena consciencia, que o homem tem de si mesmo (invasão das raças germanicas).

A historia para triumphar a liberdade deve conciliar o direito com a religião, não devendo esta antepor-se á dignidade humana. Hegel foi ardente partidario da liberdade e sempre achou razão ao bom exito e aos factos consummados, interpretando-os a favor da civilisação. O ultimo ideal da historia, segundo Hegel, é a verdade eterna, a universalidade, operada pela extincção das differenças de nacionalidades.

Krause estabelece a formula da unidade, variedade e harmonia, applicando-a á vida humanitaria, onde ha um periodo de unidade, outro de variedade, devendo realisar-se o periodo da harmonia. Estabelece, a necessidade da humanisação em todas as instituições, dá uma nova noção da humanidade, exhibe os monumentaes *mandamentos da humanidade* e liga-nos a Deus pela magestosa e arrojada concepção panentheistica. Segundo Krause a historia é o drama do poeta infinito, representado por seres finitos. Krause espera, que o reino de Deus se tornará o sol dos seculos.

Wronscki, philosopho polaco ao serviço do czar em França, mas perfeitamente allemão em sua philosophia, percorre as trindades theogonicas e religiosas e pregoa tres leis, que partem todas do absoluto, a saber: a lei suprema ou o verdadeiro, o problema universal ou o bem e o concurso final ou o paracletismo (messianismo na parte da questão

polaca e religião do Espirito Santo na parte religiosa) Estas formas foram applicadas por Wronscki a todas as sciencias e ainda ás proprias mathematicas puras. A philosophia de Wronscki, que a França não soube apreciar, tinha o deffeito de proclamar o despotismo czariano e a reunião do poder temporal e espiritual; mas no mais é em grande parte preciosa. Wronscki espera novas eras de felicidade para o genero humano revivente e ao qual Wronscki aponta estas palavras do evangelho de S. João: *oportet vos nasci denuo;* e crê, que podemos achar o absoluto, sustentando, que, tendo nós a faculdade de o procurar, tambem temos a de o descobrir.

Schopenhauer parte do pessimismo, do apoucado da nossa intelligencia , chama ao mundo uma apparencia, faz da vontade humana um novo principio, uma especie de força e declara, que o mundo é a nossa vontade. Faz triste conceito da historia, que considera uma simples coordenação de factos. A vida do homem passa por tres phases: vida inorganica, vida vegetal e animal até a consciencia clara do ser e vida livre pelo querer viver e finalmente pelo nirvana. Estas theorias de Schopenhauer são um novo dynamismo, que preparou a philosophia monistica de Hartmann e o materialismo da actual Allemanha, Schopenhauer e Hartmann seguem a theoria do aniquilamento do buddismo.

Hartmann suppõe *quatro* pousos de illusão percorridos pela humanidade ou a percorrer. O primeiro é o sonho da felicidade n'esta vida: corresponde á infancia e aos tempos antigos. O segundo é o sonho da felicidade infinita no outro mundo, vista a fallacia dos gozos terrenos: é o sonho da mocidade. Ambos os pousos se referem ao individuo. O terceiro é a supposição de felicidade n'este mundo não só para o individuo mas para a especie. É a illusão da edade madura. Só a edade de ferro nos espera: o sonho da edade de ouro no futuro é mais vão que o pensamento d'ella no passado. O quarto pouso é a ausencia de todo o sentimento e privação de toda a consciencia, isto, é o aniquilamento.

Vejamos a França.

Maine de Biran acha no homem tres vidas: a inconsciente, que é uma força fatal: a do esforço da vontade e a vida

do espirito. A primeira é a *animal*, vida de sensações: a segunda é a *do homem*, vida de luctas pela liberdrde com esforço, vida de reflexão e de personalidade: a terceira é a vida do espirito ou *divina*, em que o homem, tendo já domado a materia, se ala á luz e á verdade, identificando-se com Deus. Estas tres vidas semelham as epochas de Fichte e de Wronscki, pois ha effectivamente algumas afinidades entre estes tres philosophos. Maine de Biran achou estas tres vidas no proseguimento de seus estudos physiologicos e philosophicos: a primeira vida está tratada na memoria sobre o *Habito*, a segunda na *Decomposição do pensamento e no Ensaio sobre os fundamentos da psychologia* e a terceira nos *Novos ensaios* de *anthropologia*. Estas obras marcam as phases do pensamento d'este grande philosopho, cuja philosophia precedeu a de Schopenhauer, com a qual tem similhanças, visto que ambos entre as faculdades humanas fazem sobresair a vontade predominantemente.

Jouffroy, alem de preciosos estudos sobre o fim do homem e sobre moral, sendo alguns conhecidos entre nós, dedicou trabalhos á philosophia da historia, mostrando a existencia e caracter de algumas das leis historicas.

Cousin sustentou a virtude do methodo psychologico na historia: acha os tres termos do finito, infinito e relação entre ambos e sobre esta theoria assenta as epochas da historia, que, segundo Cousin, representam cada uma a predominancia de algum d'aquelles tres termos. Sustenta ainda a lei providencial, o optimismo historico de Hegel, as influencias geographicas, o poder dos homens de vulto; e finalmente faz a critica de alguns trabalhos d'esde Vico até Herder. Cousin foi espiritualista; inclinou-se sempre por uma intuição de genio a principios platonicos: seguiu quasi sempre os melhores caminbos; mas não alcançou formar systema e ficou sempre em meia verdade nas suas theorias, para o que bastante concorreu o demasiado apego ao methodo psychologico e a difficuldade invencivel de passar ás regiões ontologicas. Assim a sua philosophia, com quanto influisse muito em França, não podia ter resultados duradouros e verdadeiramente fecundos.

Alem d'estes trabalhos especiaes exhibem-se outros sobre historia muito notaveis, entre elles os de Michelet,

Edgar Quinet, Trottet, Barchou de Penhouen, Altemeyer e Laurent (estes dois na Belgica), Pierre Leroux, Bouillier, Caro e muitos outros escriptores, devendo tambem attender-se aos notabilissimos trabalhos francezes sobre moral (e não sobre direito) intimamente ligados com as leis da historia, inseparaveis das leis moraes.

A Italia, tendo obrigação moral de proseguir nos estudos de Vico, exhibe uma philosophia, que, salvas algumas tendencias theologicas, é arrojada e profunda. Sem fallarmos nos escriptos meramente philosophicos de Gallupi, temos em Rosmini excellentes indicações sobre a idéa de *ser*, primeiro principio ontologico, considerado determinada ou indeterminadamente como realidade ou como possibilidade. Para Rosmini a idêa de ser é ponto de partida e ponto de chegada, é o alpha e o omega da philosophia.

Depois de encaminhada assim a philosophia na idéa de *ser*, era facil a continuação no mesmo caminho, sendo operada por Gioberti, que, tomando essa idéa, estabelece as celebres formulas seguintes: o ser é necessariamente— o ser cria as existencias—estas regressam para o ser. Assim ha dois cyclos, segundo Gioberti: o da creação e o do regresso. Depois Gioberti mostra como estas formulas ontologicas se resolvem em tres termos, que são o ser, a creação e as existencias: mostra a arvore encyclopedica das sciencias e quer applicar as formulas a todas ellas. A philosophia de Gioberti é uma das glorias do seculo XIX apesar de ter influido pouco fora da Italia, onde hoje figura Vera, expositor bem conhecido da philosophia hegeliana.

Finalmente Francki, despido inteiramente do espirito theologico e partindo do sentimento, advoga uma especie de positivismo pratico, sem desconhecer os preceitos da razão; e assim faz notaveis estudos sobre as trindades religiosas e sobre o processo da humanidade na formação dos mythos e symbolos, que, digamos de passagem, alguns linguistas hoje querem attribuir meramente ás origens da linguagem.

Alem d'estes vultos ainda contemplamos na Italia contemporanea a Mamiani, que advoga o principio da finalidade e combate o darwinismo, e Fontana, que considera a philosophia da historia como um annexo da methaphy-

sica e sustenta, que a sociedade se resume em dois pontos: ideal contemplativo e principio activo. A historia do ideal e a sua realisação formam os objectos da philosophia da historia, segundo Fontana. Taes theorias partem ainda de um systema *a priori*, fundado na *idéa*.

Estas rapidissimas exposições, que por falta de tempo não explanamos, não nos deixam contemplar os estudos notabilissimos d'este seculo sobre especialidades da historia universal, taes como a historia das religiões, mythologia comparada, orientalismo, linguistica, raças e outras muitas investigações, em que o seculo exhibe explendidos resultados na Allemanha, na Inglaterra e na França.

Finalmente teremos ainda a percorrer as theorias especiaes sobre o progresso e as doutrinas positivista e evolucionista.

Estas exposições mostram claramente em nossa opinião:

Que a sciencia historica se apresenta vivaz, independente e invulneravel na sua existencia:

Que n'ella se reflectem todos os systemas philosophicos, visto que o escriptor parte de um *datum*, que lhe forneceu a sua philosophia geral:

Que a sciencia historica é considerada geralmente como uma sciencia philosophica e não meramente natural, o que só tem excepção nos systemas, fundados na experiencia simplesmente:

Que esta sciencia não attingiu ainda um estado de perfeição antes pelo contrario se acha em um estado de preparação:

Que pouco a pouco tem sido descobertas todas as leis, que presidem á marcha da historia:

Que os erros dos systemas d'esta sciencia nascem, uns de tomarem como leis principaes algumas apenas secundarias, outros de vistas incompletas:

Que portanto ha a esperar uma nova concatenação systhematica e completa, que abranja todos os factos, leis e theorias, acerca do viver humanitario sob principios evidentes, largos e syntheticos.

CAPITULO QUARTO

DOUTRINAS POSITIVISTAS E EVOLUCIONISTAS

São tão conhecidas entre nós as theorias positivistas, que não nos occuparemos em as expor. As doutrinas de Comte, que não eram em si materialistas nem espiritualistas foram pela força da logica convertidas em um perfeito materialismo, professado pelo dr. Littré, que suppõe ser o encephalo, que pensa em nós, e por outros positivistas actuaes, que só se occupam na materia.

O estado do positivismo é hoje variado: uns como Poey seguem Comte: outros como Littré modificam-n'o: outros como Th. Ribot aproveitam sómente o methodo (experimental), a constituição da sciencia e a chamada lei dos tres estados e sustentam estar fora da eschola quem não aceitar aquelles principios. que *se declaram* (com que auctoridade?) fundamentaes.

Ao positivismo em geral oppomos:

1.º A existencia das idéas-elementos, que embalde se pretende converter em experimentaes e adquiridas, repetindo-se e aperfeiçoando-se os argumentos de Locke, já refutados por Leibnitz, Reid, Kant, Cousin e outros:

2.º A falta de prova das affimativas do positivismo, que, dizendo-se muito realista, é completamente dogmatico:

3.º As muitas contradicções, que pullulam em suas doutrinas:

4.º A sua falta de metaphysica, pois, pondo um circulo de ferro ao pensamento e adoptando um unico methodo, crê o espirito humano incapaz de ventilar certas questões, o que é erroneo e temerario, porque para o julgarmos incapaz é necessario sabermos previamente as suas forças; e se sabemos bem as suas forças sahimos logo do systema positivista, que não se occupa das forças do espirito e diz ignorar completamente a sua natureza:

5.º A falsa psychologia, em que se funda, pois parte de dados meramente physiologicos, pondo inteiramente fóra do campo as indicações da consciencia:

6.º A confusão da alma com o cerebro, seu instrumento, dando-se ao estudo da alma uma feição meramente phrenologica pela continuação dos trabalhos de Gall e de Spurzheim, sendo certo, que se não prova que o cerebro pense, pois as hypotheses de Cabanis, Bichat, Bruchner e outros, estão bem desmentidas por Bouchut, P. Janet e muitos outros physiologistas; e por isso é mais prudente o ficarmos em uma região neutra de não affirmarmos senão o que é verdade n'estas materias, a exemplo do sabio Lélut e de outros, do que elevarmos a mera hypothese á altura scientifica, quando, segundo Descartes, só na evidencia pode a sciencia repousar:

7.º O materialismo fatal a que conduz necessariamente. Estas e outras contradicções, que poderemos oppor ao sensualismo declarado dos positivistas, nos desviam totalmente d'este systema, que achamos apenas aceitavel e ainda com muitas restricções nas sciencias naturaes, sendo no mais, segundo o nosso sentir, incompleto, dogmatico, contradictorio e erroneo.

Não podemos levar longe aqui a demonstração, porque

não escrevemos um livro de phliosophia pura. Discorremos sobre uma das applicações da philosophia e partimos de um *datum*, que nos fornece a nossa philosophia. Todo o escriptor em uma sciençia de applicação parte de um *datum*, que ficou evidenciado na sua philosophia. N'outro livro, intitulado *Galeria das sciencias contemporaneas* (no prelo), em que mostramos o estado actual de uma grande parte de sciencias, levantamos bem alto a bandeira anti-positivista com a mesma consciencia e convicção, com que por exemplo Quatrefages se insurge em anthropologia a favor de monogenismo contra as theorias de Agassiz e de Lamarck.

Apezar de todo o apparato do materialismo contemporaneo somos levados a crer, que a humanidade não é materialista. Este mundo, de que ignoramos quasi tudo e ainda aquillo que palpamos, indica bem claramente, que contem em si como primeiras realidades muitas cousas invisiveis sob algumas fórmas grosseiras, sendo essencia do universo exactamente o que é inaccessivel aos sentidos. Por isso serão sempre lidos com sympathia estes versos de Gérard de Nerval:

> Espère enfin, mon âme, espère;
> Du doute brise le réseau;
> Non, ce globe n'est pas ton père,
> Le nid n'a pas créé l'oiseau.

Com isto não desprezamos os estudos de alguns physiologistas sobre localisações cerebraes, nem as indagações sobre as relações do physico e moral, nem as indicações do dr. Luys sobre o systema nervoso nas suas funcções cerebraes. Mas achamos necessario não se ir alem do que é justo para conclusões temerarias e não provadas.

Á moral e direito dos positivistas oppomos:

1.° A *falta de prova* no dr. Littré de que o egoismo e o altruismo nasçam somente do organismo physico:

2.° A errada origem, que o dr. Littré dá ao direito, fazendo-o derivar da vindicta, quando é certo, que será ainda necessario explicar a necessidade da vindicta e sempre nos elevaremos ao sentimento do justo, idéa ontologica:

3.° A errada applicação, que o dr. Littré faz dos factos

humanitarios, que, com quanto se exhibam grosseiros, revellam ao pensador um alto pensamento, devendo nós dar menos importancia á forma e ao mytho para attendermos á essencia e á realidade das cousas; e assim veremos na aurora da humanidade cousas muito grandiosas, que são desconhecidas na theoria do dr. Littré:

4.º O erro, em que está Alex de que o direito só tarde apparece depois das series biologicas e sociologicas, pois antes é certo, que a perfeição das formulas modernas apenas indica o melhor conhecimento do direito e não o seu actual apparecimento; e é certo ainda, que ha uma intuição primitiva e sem ella é inexplicavel a historia:

5.º A justificação de todos os crimes pelo positivismo, a confusão do justo e do injusto, a falta da regra do bem e do justiça:

6.º O erro de Clavel em suppor ser o bem apenas um engrandecimento, confundindo-se assim o effeito com a causa:

7.º O desconhecimento pelos posivistas dos sentimentos da humanidade, que sempre proclamou bem alto a lei da moral e do justo, sendo assim a *declaração dos direitos do homem* na revolução franceza (declaração, a que os positivistas votam tanto desprezo e odio) uma explendida formula das leis eternas do direito, proclamadas pelos encyclopedistas e não umas formulas erroneas e insubsistentes:

7.º A materialisação da historia por se attribuirem os acontecimentos a causas pequenas, secundarias e meramente materiaes, como se o homem fosse apenas um authomato:

8.º As consequencias logicas da theoria ou sociologia positivista, que são o mais feroz despotismo, a negação do direito em mais de metade da humanidade ou em toda ella, sendo bem para se estranhar, como é que se aventa a idéa á mocidade menos culta de que em tal sociologia se encontrará a liberdade, quando é evidente, que esta só pode subsistir com a santidade do direito e com uma theoria, que colloque bem alto a personalidade humana.

Posta assim de parte a moral positivista e observando-se, que as questões da philosophia da historia são conjunctamente questões de moral, prosigamos.

Comte, seguindo ou desinvolvendo Turgot ou talvez Kant achou tres leis: a theologia, ou periodo theologico (Deus em tudo): a metaphysica ou o periodo metaphysico (explicação por abstracções ou por ideas e forças mysteriosas): a experiencia ou o periodo positivista (*non plus ultra* da perfeição pelo abandono da theologia e da metaphysica e pela explicação sensivel das cousas).

Este ternario, a que se da tanto vulto, apezar de muito inferior aos ternarios allemaes, foi justamente criticado pelo dr. Littré, que o julga empirico e exterior ao homem. Assim o dr. Littré propõe quatro series biologicas e sociologicas, que se originam no estudo da alma em Gall, e que declara, que são a lei racional correspondente áquelles periodos comtianos, a saber: a *necessidade*, o sentimento affectivo da *moral* e de *religiões*, o sentimento e cultura do *bello* e a indagação *scientifica* da ligação dos effeitos e das causas.

Á theoria dos positivistas e ao seu ternario oppomos:

1.º O erro de facto em historia, pois em todas as epochas da humanidade vemos os tres elementos theologico, metaphysico e positivo, e não são estes os unicos, porque vemos o elemento artistico na propria edade da pedra talhada, e vemos o elemento moral e o juridico d'esde o primo alvorescer da vida:

2.º A impossibilidade manifesta, em que está o positivismo de fixar onde começa e onde acaba cada epocha nos tres suppostos periodos:

3.º O desconhecimento da edade intuitiva da humanidade affiançada por tantos factos reaes:

4.º A contradicção de se fixarem taes periodos *à priori*, o que é uma construcção scientifica feita previamente. e o que importa uma certa metaphysica: ora esta é repellida pelos positivistas absolutamente:

5.º A negação total do absoluto: a regeição de tudo o que não transparece n'esta chimica positivista, quando é mais que certo, que este mundo para o verdadeiro sabio encobre muitas realidades invisiveis, superiores e *mais positivas* e irrefragaveis, que as realidades fugazes, furtivas, illusorias e passageiras, do alcance sensorial:

6.º O erro de se suppor, que estamos em uma epocha

muito adiantada e nos achamos na epocha positiva de supposta perfeição, quando é claro, que apenas temos attingido um ponto pouco distante da aurora da civilisação:

7.º O desprendimento em que estão essas suppostas leis do viver biologico e ainda das series paleontologicas, pois por ellas poderão explicar-se quando muito a superficie das cousas, o lado occasional dos factos, mas nunca a essencia intima das series historicas e menos as causas reaes dos acontecimentos:

8.º O materialismo a que taes concepções nos conduzem:

9.º O absurdo desconhecimento da theologia e da metaphysica, postas em separado e como dois mundos distinctos, quando é certo, que não são cousas, que se contraponham, porque são perfeitamente irmãs em si pelo lado intellectual: d'onde resulta a falsificação da historia do oriente, que, melhor estudado hoje, graças aos esforços de tantos orientalistas illustres, manifesta nos seus gigantescos e prodigiosos poemas, talvez ainda mais metaphysica do que theologia, sendo tal o espirito philosophico do oriente, que, apesar de dominado pelo pantheismo, já revella os indicios da eschola sensualista e até da idealista ou aristotelica, e ainda da espiritualista:

10.ª A falta de ideal humanitario, ou antes o acanhado das concepções positivistas, a que ficará sujeito o nosso espirito, indeffectivelmente amarrado ao experimentalismo.

Estes e outros fundamentos nos arredam de contemplar nas chamadas leis positivistas a explicação da historia, quando o facto é mais profundo, e pede mais rasgados horisontes e mais largas bases.

Reconhecendo, que o positivismo tem feito altos serviços á sciencia, e entre elles o de mostrar os erros e deffeitos da actual eschola espiritualista franceza, a qual só exhibe theorias sem systema e não póde satisfazer o espirito no seculo em que vivemos, cumpre-nos expôr nosso sentir quanto aos systemas darwinistas e evolucionistas.

Não nos permitte o tempo de que dispomos a exposição das origens do darwinismo e evolucionismo, e mostrar como estes systemas foram pouco e pouco apparecendo, inevitavelmente depois dos progressos das sciencias naturaes em França, Inglaterra e Allemanha, e depois da philosophia

de Schelling e de Hegel, que pregoavam a evolução fundada em outros principios, estendendo-se depois rapidamente estes systemas a todas as sciencias.

Os evolucionistas partem do instincto e da necessidade organica, sendo o direito essa necessidade em nós e o dever a necessidade n'outrem: a moral é obra da sociedade, que transformou em regras as exigencias organicas, disciplinando-se os individuos sob a lei da reciprocidade e sendo a moral e o direito a medida d'essas necessidades.

São principios geraes dos evolucionistas os seguintes: unidade da natureza sob as mais diversas manifestações — continuidade da natureza quanto ás especies, desde o mineral até o homem — o transformismo universal e até nas especies — a explicação das cousas pelas influencias dos meios até se alcançar a consciencia — a embriologia, a ontcgenese e phylogenese a historia geologica e paleontologica do globo — a conservação da energia o absoluto experimentalismo.

Sem podermos expôr aqui as theorias mais geraes de Haeckel, Bagehot e muitos outros, contentar-nos-hemos em apontar as arrojadas concepções de Herbert Spencer, que é certamente o vulto mais elevado do evolucionismo na philosophia ingleza.

Spencer não é positivista: reconhece contra Comte a idéa de causa: propõe outra ordem de sciencias, diversa da de Comte: acha finalmente o absoluto, e, parando assombrado ante as antinomias, aceita a existencia do absoluto e não vae mais avante. Aceita tambem a existencia da força na materia, e julga, que ha na sciencia uma parte para o desconhecido. Por estas bases se vê, que Spencer, qualquer que seja a sua afinidade com a philosophia positivista, arreda bem claramente de si os erros de Comte e o dogmatismo dos positivistas.

Spencer, partindo do determinismo, acha as seguintes leis: a evolução ou mudança do homogeneo para o heterogeneo e o movimento do indefinido para o definido, a existencia de antagonismos e oscillações ou lei do rythmo, o equilibrio e a dissolução. A historia é um perfeito dynamismo explicavel como tudo o mais pela evolução, a qual repousa sobre tres leis essenciaes: instabilidade do homo-

geneo — multiplicação dos effeitos — segregação: e póde definir-se *uma integração de materia, acompanhada d'uma dissipação de movimento, durante a qual a materia passa de uma homogeneidade indefinida, incoherente, a uma heterogeneidade, definida e coherente, e durante a qual tambem o movimento retido soffre uma transformação analoga.*

Aos systemas evolucionistas oppomos:

1.º O sem numero de hypotheses de que partem e a falta de prova de grande parte de suas infundadas supposições:

2.º A realidade, effectiva e irrefragavel, indeffectivel, de elementos anteriores á evolução, eternos e immutaveis, e que limitam portanto a lei:

3.º O seu materialismo:

4.º O desconhecimento (em parte) das leis ontologicas:

5.º O seu methodo meramente experimental.

E com estes e outros fundamentos não fica destruido o evolutismo, mas sómente modificado.

Querer, que o que se chama progresso seja apenas, como querem Caro e outros espiritualistas francezes, uma lei meramente humana, é fechar os olhos á luz, aos factos paleontologicos, á historia natural e á propria historia humuna. A evolução, que não é somente uma creação darwinista, pois está bem patente na philosophia allemã, é uma lei, real e verdadeira. Se porém se suppõe, que tudo é evólutivo, que tudo se deve á evolução, segue-se, que a todo o momento tudo é e nada é; e achamo-nos em face do erro principal da philosophia hegeliana, em que nada subsiste em si. Se porém collocarmos a evolução em seus limites naturaes, se prescindirmos das hypotheses na sciencia, acharemos a evolução e só falta marcar o seu logar na sciencia e na realidade dos factos. A evolução comprehende em si o progresso humano e é por isso mesmo uma lei mais geral que o progresso. A evolução está inscripta nos espaços celestes e affirma a sua realidade, quando se passa da nebulosa a outras fórmas astronomicas: está inscripta em toda a natureza a todo o momento: está ainda na vida intellectual dos animaes e do homem. Contra factos não ha argumentos. A evolução é pregoada pelos factos: é uma realidade como lei.

Será porem a unica lei? É o que os factos desmentem. A evolução não é sufficientemente larga para explicar o universo, que pede moldes mais grandiosos e arrojados, sem os quaes tudo é inexplicavel e obscuro.

Esses moldes são os moldes metaphysicos, que havemos expor.

Concluimos:

Que o positivismo é mais verdadeiro no que affirma do que no que nega e se perde com as suas negações e dogmatismo e por isso é chamado por Wronski *philosophia negativa*:

Que o evolucionismo é verdadeiro na sua face geral e só é erroneo na extensão, que pretende indevidamente tomar.

CAPITULO QUINTO

THEORIA DA FINALIDADE HUMANA

A todos os seres cabe uma certa natureza, a que deve corresponder no pensamento creador um certo fim. Em cada ser devem dar-se as condições ou meios para o seu fim. Estudados esses elementos, descobrem-se as condições e os meios, aos quaes deve ser apropriado o destino. A essencia pois de cada ser indica o seu destino providencial, o seu logar no seio do universo. E sendo assim, o realisar a sua essencia é o destino particular de cada ser, Cada um tem o seu alvo na sua propria acção. Este é o bem de cada ser. A realisação dos elementos, da essencia, da natureza, de cada ser, é o seu fim ou destino.

A philosophia da natureza tem desterrado o principio das causas finaes: mas não está provado, que o principio não possa n'ella ter entrada, com quanto á applicação de-

vam presidir conjunctamente outras bases. Seria difficil, talvez impossivel, e até inutil estudarmos a finalidade de cada ser. Não se dão porém as mesmas circumstancias para o homem. Senhor do seu destino, dotado de liberdade, conhece qual deva ser a sua marcha, o lvo que lhe cumpre realisar. Ora esse alvo deve estar de accordo com a sua essencia e indole. Declarar, que o homem não póde conhecer o seu destino é feril-o na sua dignidade; dizer, que esse destino não é uma consequencia da sua natureza, é um absurdo.

O destino ou fim do homem consiste pois na realisação de sua natureza, das suas faculdades, da sua essencia em geral. Tudo o que atrophia, tolhe, embaraça, ou perturba, a acção das faculdades, é geralmente um mal. N'isto cremos, que concordarão todas as escholas, qualquer que seja a definição que exhibam sobre a natureza do bem e do mal, que os sensualistas traduzem por prazer e pena, e os espiritualistas por idéas-elementos, com base imperecedoura e eterna.

Mas se o homem é um em essencia, é multiplo na sua manifestação. Assim como a natureza se manifestou em um sem numero de orbes, que povoam o espaço, e em cada um d'elles ha maravilhas sem conto, assim tambem o homem imita a creação, repartindo a sua actividade n'um conjuncto de manifestações diversas. É pois mister, que se não sacrifique um a outro elemento: a todos cabe partilhar o desinvolvimento humano, que deve ser integral.

O homem occupa ainda um logar no seio do universo e tem de viver dentro do mundo. É pois mister, que o seu fim esteja conforme á coexistencia dos outros seres e do universo. E assim o seu desinvolvimento deve ser harmonico e congruente á ordem universal.

O homem como ser harmonico pertence a uma ordem superior: sendo microcosmo do universo é solidario com elle. O bem universal é para o homem o unico bem possivel.

E como não se trata só do homem mas da humanidade, é necessario, que o nosso destino individual se subordine ao universal da commum irmandade. E sendo certo, que a humanidade não tem patria nem logar e se realisa na in-

finidão dos seculos idos e vindouros, não basta estudarem-se as leis individuaes de cada homem, mas cumpre descobrir as leis communs.

A harmonia é o destino da humanidade: a participação n'esta obra harmonica, o concurso efficaz, que cada individuo presta á obra commum, é o destino do homem.

Além d'estas relações temos as que nos conduzem por uma escada mysteriosa a Deus. E tudo deve entrar no nosso destino. Como o homem é um ser livre, na idéa do destino humano figura a de liberdade. E n'isto consiste o principal distinctivo do nosso destino com relação ao dos demais seres. O homem é arbitro de seus actos, senhor de sua vontade, responsavel por suas acções, emfim artista do seu destino. E para que não lhe tropece a vontade, para que esta se liberte de tudo, que a póde perturbar, tem a sua actividade incessante e tem a luz da lei moral do bem.

Como para cada ser a realisação do seu destino é o seu bem particular, esta realisação é para o homem o seu bem. Se d'este resulta a ordem, e a harmonia, como da planta procedem a flor e o fructo, o homem, realisando o seu bem, concorre para a ordem universal. A humanidade, abrangendo todas as individualidades, cumpre a harmonia universal. Assim o fim da humanidade é esta harmonia, equação geral de todos os elementos da unidade e resultante do grande fim humano. E esta harmonia é o bem. Portanto *o destino do homem é o livre desinvolvimento, completo e harmonico da sua natureza, considerada em si mesma em geral e ainda nas tendencias particulares de cada individuo e no conjuncto das suas relações com os outros seres em geral e com a humanidade e com Deus em especial.*

Esta definição é rigorosa e fica ao cuidado do leitor a sua explicação em cada um dos seus termos.

As noções de ordem e harmonia conduzem-nos á idéa do bem, contido na idéa do destino de cada ser. O homem não é feito para ser servo do mal. Toda a sua natureza repelle energicamente este hospede importuno. O homem tende para o bem inevitavelmente. O bem impõe-se de um modo absoluto. E não ha verdadeiro bem sem que este esteja em intima relação com a ordem universal. São assim

tão estreita e logicamente concatenadas as idéas de bem e a da realisação da essencia do homem ou do nosso destino, que uma noção suppõe a outra e quasi fazem equação. Ha todavia na idéa do bem a especialidade de ser uma lei moral. Assim o homem tem o dever de obrar o bem seja qual fôr o resultado. Faz o bem pelo bem: eis a formula. Mas é que por uma lei providencial o homem, cumprindo este dever, alcança a felicidade, recompensa irrefragavel e indeffectivel de tal cumprimento.

A alegria e os prazeres acompanham o espirito do homem virtuoso. A dôr castiga o homem, que sacrifica a sua propria natureza e essencia ás impurezas de motivos variaveis e passageiros. A satisfação da consciencia e o remorso são as resultas naturaes e inevitaveis da virtude e do vicio. A felicidade portanto é uma consequencia necessaria do cumprimento da lei moral: acha-se sem se procurar. E contra as anomalias da vida presente ainda ha um outro recurso, um formosissimo paraizo da virtude, uma lei providencial no futuro, uma vida diversa da presente: a vida da immortalidade.

Sendo multiplo o homem, deve a sua actividade exercer-se em diversas espheras todas harmonicas. Qual a theoria classificadora dos fins humanos? Ate hoje tem estado quasi silenciosa a philosophia, e não ha theoria alguma completa. Apenas Krause ennumerou estes fins imperfeitamente; mas não formou theoria alguma. Vamos pois á luz do nosso systema exhibir uma theoria analytica, racional e harmonica, que será a primeira no mundo scientifico e na nossa philosophia apenas uma applicação dos principios universaes, que a fundam.

O homem tem necessidades constantes, que imperiosamente hade satisfazer. O homem não é meio para os outros: é fim para si. A sua primeira condição é olhar pela sua personalidade, acommodar o mundo exterior ás suas necessidades particulares e pessoaes. É a esphera da utilidade, governada pelo interesse pessoal, pelo amor proprio, pelo sentimento da personalidade e ás vezes pelo egoismo. Este sentimento levado ao extremo conduziria á negação de tudo o que não fosse utilidade e interesse pessoal. Procuremos pois o outro termo da antinomia.

O homem tem em si uma sêde insaciavel pela belleza, um sentimento purissimo, que é despertado constantemente pelas maravilhas da natureza e pela formosura da creação. Tem pois a idéa e o sentimento do bello.

Este sentimento é o germen da essencia divina em nós, o infinito indivuado no finito. N'elle ha completo desinteresse, um perfeito desprendimento da nossa natureza pessoal para deante da arte nos transportarmos arrebatados ao mundo do infinito. Ao interesse pessoal da utilidade se contrapõe assim o desinteresse e o desprendimento de nós outros pela arte. É a esphera esthetica. O bello mais accessivel e natural existe na figura humana. Pelo amor o egoista descae aos pés da mulher e o interesse pessoal se transmuda em dedicação e sacrificio.

No bello ha porem ainda personalidade, porque a cada pessoa compete o sexto sentido do gosto, segredo de cada um: e aos seres de excepção compete o sexto sentido do genio, que tambem é segredo do artista: e ha individuação no bello, porque esta idéa realisa-se em uma unidade e n'esta se individua.

Assim o util e o bello sendo irreductiveis tem de commum o serem individuações. E como taes predomina n'um e n'outro a faculdade do sentimento no vivo desejo, que temos da posse dos objectos uteis ou do goso da arte.

E esta especie de camaradagem em nada offende a delicadeza dos nossos sentimentos. É o senso commum, que enfeicha os dois elementos. Arte em geral abrange mais que a esthetica: estende-se ás artes. O util abrange mais que as artes mechanicas; mas abrange estas.

É assim o senso commum que uniu estas antinomias na idéa superior da *individuação* ou productos do genio do homem ou da sua intelligencia, contrapondo d'este modo á creação de Deus a do homem, segundo creador do mundo.

Á individuação resultante d'estas duas antinomias deve contrapor-se uma outra antinomia para não descahir o mundo em um perfeito individualismo. Surge pois a idéa de sociedade. O homem tem de viver com seus similhantes, cumprir o seu destino no seio do mundo social e cumpril-o com liberdade. É a esphera juridica, esphera de ordem e de harmonia.

Mas o homem não é só destinado a viver com seus similhantes: tem o seu logar no mundo e é o microcosmo do universo. Sua razão e o sentimento do infinito o levam a contemplar as suas relações com a natureza, comsigo e com Deus.

Surge a esphera da moral com o seu acompanhamento de deveres, individuaes, para com o mundo, para com a sociedade e para com Deus.

O direito regula a liberdade social e harmonisa a nossa actividade. A moral é mais extensa; trata do respeito ao nosso ser e ao ser alheio. Esta tem mais amplidão e generalidade: aquelle é mais restricto e menos extenso. Ambas as espheras porem se generalisam na idéa de coexistencia e ambas se destinam á vontade humana.

Á individuação resultante do fim utilitario e esthetico se contrapõe assim o elemento da coexistencia; e temos d'este modo as duas antinomias geraes da individuação e coexistencia.

O homem tem em si a idéa de Deus, a quem rende homenagem e amor como filho e dependente.

É a esphera religiosa: o sentimento do divino.

Por outra parte e finalmente é imperiosa a sède do nosso espirito de conhecer todas as cousas, procurar com essas noções um todo harmonico, em que a creação e o universo e todos os seres sejam explicados para formarem uma synthese harmoniosa e satisfatoria.

É a esphera do verdadeiro, a esphera scientifica, em que entra o conhecimento de Deus como base universal e ao mesmo tempo como extremo tope na cuspide de todos os mundos.

A religião depende da philosophia e da sciencia e entre as duas espheras ha constante movimento de forças centripedas e centrifugas, se é possivel a expressão. O excesso do sentimento religioso nos afogaria em Deus como na India: é necessaria a sciencia para chamar o homem á sua dignidade e o desafogar do pantheismo natural das edades primitivas. Na primeira esphera predomina o sentimento: na segunda a intelligencia. Ambas se fundem porem na harmonia: porque Deus é a propria harmonia e a sciencia é a aspiração constante a essa mesma harmonia: ambas formam pois uma synthese.

Ha pois seis espheras da actividade humana, seis fins especiaes: fim utilitario ou economico, fim do bello ou esthetico, fim juridico ou politico, fim do bem ou moral, fim religioso e fim scientifico.

Cada um d'elles toma todo o homem e todas as suas faculdades: cada um d'elles suppõe os outros e nenhum podia estar solitario, porque a soledade, desmentindo a unidade do espirito humano, seria a morte. Não concebe o espirito nem aponta a historia outros fins ou espheras da acção. N'estas estão o homem e a humanidade.

Na individuação, coexistencia e synthese, está pois o destino humano. E não póde existir nem conceber-se de outro modo, pois estas tres fórmas ligam-se a outras, que prendem com a ordem universal, que são as leis do ser, da manifestação e da harmonia, como vamos ver.

N'esta exposição deve ainda figurar o *destino peculiar de cada homem*. Este é medido pelas tendencias especiaes, proprias de sua indole e de muitas circumstancias diversas, taes como a predominancia de uma ou outra faculdade, as influencias da educação, do clima, linguagem e muitas outras.

Estas especialidades formam o genio intimo e caracteristico das nações, das provincias, das familias e dos individuos. Tudo coexiste no seio da humanidade: ha uma congruencia perfeita na concatenação de todos os factos da finalidade humanitaria. Se um instante se duvidasse d'esta congruencia, qualquer demonstração, tirada do fim utilitario, bastaria. Com effeito a troca recae sobre a diversidade de occupações e divisão do trabalho: cada pessoa, entregue á sua profissão peculiar e applicada a uma simples milliónesima dos muitos objectos, que consomme, recebe dos seus similhantes tudo o mais: trabalhando n'uma especialidade necessaria aos outros, d'estes obtem toda a especie de productos. Este exemplo estende-se ás familias, ás provincias e ás nações. Assim fica evidente, que o fim peculiar predominante em cada um dos individuos se concatena perfeitamente com os mais fins dos outros individuos, harmonisando-se todos e sendo o mister de cada individuo condição dos outros.

O que fica dito ainda não satisfaz o espirito: falta o ul-

timo cantico do grande poema da philosophia. Os factos, que se acham patenteados, formulam-se em poucas leis, verdadeiras como a luz, simplices como a verdade.

A primeira lei é a da unidade, conjuncto, totalidade, ser com finalidade: «no homem ha um fim, o seu bem, realisado livremente,» eis a lei. A finalidade tem por sujeito o homem, por instrumento a liberdade, e por termo o bem.

A segunda lei é a da desinvolução ou manifestação: ao realisar a sua natureza e essencia desenvolve-se, manifesta-se o mesmo ser humano. Esta manifestação é tripla: abrange a individuação, a coexistencia e a synthese.

A terceira lei é a harmonia, e consiste na predominancia de um fim particular em cada homem e em cada nação, conforme a sua idiosyncrasia e muitas outras circumstancias e na congruencia e conspiração de todos os fins de cada homem com o fim commum da humanidade. N'estes termos a nossa theoria reduz-se ao seguinta quadro:

1.ª Lei. O ser humano com fixidão da natureza.	Sujeito — O homem e as individualidades collectivas.	
	Meio — Actividade humana	Espontanea. Voluntaria. Livre.
	Termo ou fim — O bem.	

Formula: O homem tende livremente para o bem.

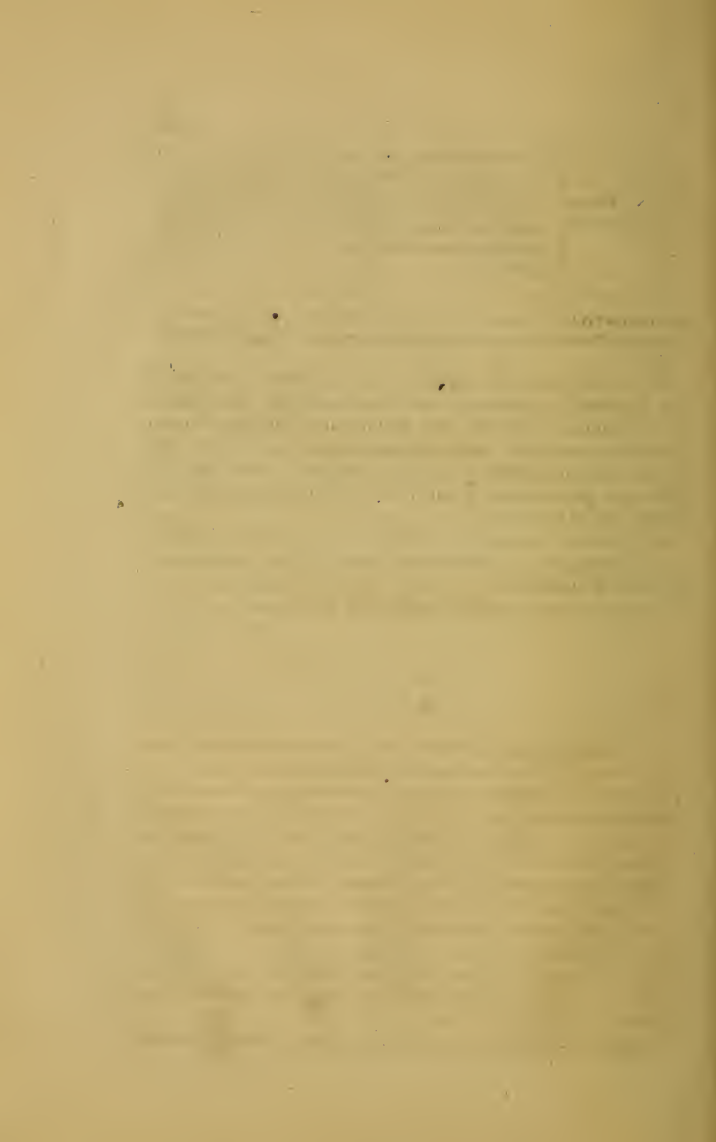
2.ª Lei. Manifestação tripla e infinda das faculdades humanas.	Permanencia de elementos . .	Amor proprio e interesse pessoal.	Utilidade	Individuação.
		Desprendimento pessoal e culto do bello.	Belleza . .	
		Idéa do justo.	Direito .	Coexistencia.
		Idéa do bem	Moral. . . .	
		Idéa do divino.	Religião . .	Synthese.
		Idéa da verdade	Sciencia .	
	Progresso	Aspiração infinda ao melhor.		

Formula: O homem realisa triplamente um destino infindo.

3.ª Lei. Harmonia no infinito. — É a permanencia de um fim particular em cada homem ou em cada individualidade collectiva conforme a idiosyncrasia e muitas outras circumstancias em cada homem ou grupos com congruencia e conspiração de todos os fins individuaes na obra commum da humanidade dentro de um infinito de aspirações.

Formula: O homem realisa no tempo e no espaço o bem por fins particulares congruentes ao bem commum em aspiração infinda.

Na theoria, que fica exposta e que pertence á metaphysica applicada, usamos de ambos os methodos, experimental e racional, e cremos, que não ficam offendidas a logica e a razão, apesar de tantos clamores, que com menos justiça se elevam contra o methodo racional e dialectico por parte dos que desejam truncar-nos o espirito para não passarmos da experiencia.

Os quadros ontologicos, sahindo das raizes da metaphysica, prestam-se ás applicações praticas e não podem ser portanto alcunhados de creações aereas, quando pelo contrario expressam perfeitas realidades universaes.

CAPITULO SEXTO

THEORIA DO PROGRESSO

O homem não nasce todo feito, como Minerva da cabeça de Jupiter: educa-se, aperfeiçoa-se constantemente. O homem infante parece entregue á brutidão da natureza. As suas faculdades nascem todas de uma só vez, porque a creança é o homem futuro. Mas assim como o germen está dentro da planta e só desabrocha, quando o calor do sol opera o exercicio da força, assim o homem sem a educação não manifesta completamente as suas faculdades. Jazem estas em um marasmo, que as esconde dentro dos mais profundos penetraes do espirito.

Pela educação, aquelle ser, que parecia insensivel e bruto, torna-se pouco e pouco mais accessivel aos sentimentos e cada vez mais intelligente.

No primeiro introito da vida a creança tinha sensações,

em que recebia o aviso dos males materiaes, o instincto, que a guiava, a intuição, com que encarava os seres. Más agora a educação faz com que predominem na creança o sentimento e a intelligencia, em vez das sensações e do instincto. A reflexão vae substituindo a força intuitiva: mais tarde acodem os actos voluntarios, depois os actos livres e sempre em escala ascendente. Seguem-se o amor da personalidade e finalmente a razão.

Todas estas faculdades existiam conjunctamente e funccionavam, mas só a educação as fez surdir em todo o seu explendor; e só ella faz predominar o mais sobre o menos elevado. Contemplemos agora a actividade do homem. Vêde-o marchar do pequeno para o grande, do simples para o composto, do facil para o difficil. Pratica um acto: este lhe serve de esteio para outro, e assim sempre.

Dá-se pois no homem uma constante marcha para o bem. Vae sempre conquistando novos mundos, obtendo novas ovações na infinidade.

Demais é grande e magestoso o fim do homem.

Não hade n'um dia, n'um seculo, em myriados de seculos, completar-se. É pois necessario marchar constantemente, indo de conquista em conquista, obtendo estadio por estadio no campo immensissimo da sua actividade.

É pois o homem um ser progressivo. E a especie humana, sendo a irmandade commum, reflecte egualmente a mesma natureza. Todas as obras humanas começam em pouco e são susceptiveis de um largo aperfeiçoamento, a que é impossivel pôr limites.

O fim da humanidade é a harmonia universal. É um fim immenso. Deve pois haver tambem para a humanidade uma constante marcha no caminho do bem. N'este lidar perpetuo, a humanidade irá caminhando de conquista em conquista, sempre augmentando os seus innumeros cabedaes e sempre tendo muitos mais a alcançar na infinidade. É etherea a essencia humana. Tende irresistivelmente para o absoluto e o infinito, que são o mais alto pouso do nosso pensamento. Só no absoluto repousa com segurança a nossa razão. Só no infinito póde o coração humano saciar a grande sêde do bem e o amor que n'elle existe. Mas a Divindade não se revella ao homem rapidamente e de uma só intui-

ção espontanea e immediata. Não. Só por incessantes lavores, por um lidar obstinado, por um afinco inflexivel e pertinaz, póde o homem ir descobrindo as perfeições divinas. A razão é o orgão d'esta lucta gloriosa; o sentimento do infinito é o clarim, que desperta o espirito e o faz marchar para o combate. O homem sonda por tanto o abysmo da immensidão. e, se baqueia uma e muitas vezes, tambem ainda assim alcança o seu tanto de infinito.

O bello. o justo, o bom, cada vez vão sendo melhor conhecidos e applicados á vida social. O homem cada vez está mais senhor do espaço e do tempo. Mas se assim é, se Deus é o pouso inevitavel dos humanos anhelos, se Deus é o insondavel. se em seu lidar o homem cada vez faz maiores conquistas, o homem e a humanidade são destinados a uma constante marcha. Assim o indefinido é a expressão d'esta marcha perpetua. Esta marcha incessante chama-se progresso. Este pois é uma lei. O progresso é uma verdade, physica, philosophica e historicamente: o progresso engrandece o homem: dilata-lhe a liberdade.

O progresso. achando-se escripto na natureza humana, acha-se indicado na natureza physica, e a geologia o proclama, revolvendo as entranhas da terra, mostrando a cadeia progressiva, que vae desde os seres mais infimos até o homem, que é a grande ponte da natureza para com Deus.

Foi pois o divino architecto, que estampou esta lei no seio dos orbes para se patentear indelevelmente á humanidade.

Progredir é fazer conquistas de civilisação, marchando sempre. O progresso é pois uma lei, tão imperiosa e necessaria como as mais leis da historia, e sem a qual esta seria a repetição dos mesmos factos, sem mais novidade que a mutação dos tempos e dos logares.

A historia não póde ser essa esteril reproducção, que seria até ridicula, mas um constante accrescimo na vida da humanidade.

Deus revella-se constantemente á razão humana, e a historia reproduz sempre as successivas conquistas da intelligencia. A historia mostra uma constante marcha. cada vez mais rapida e segura. A causa do bem ha de ir sempre

superando a do mal, que é uma negação da nossa natureza. Em vez do retrocesso, proclamado no velho livro hebreu, que dizia, que o que foi isso será, teremos a constante renovação, que o Evangelho em lettras vivas consagra, pondo em face do homem a perfeição infinda. Sem esta lei toda a humanidade teria sido barbaramente condemnada ao desgraçado supplicio do Sysipho. A vida das gerações não seria mais que a reproducção dos mesmos factos, e por isso o genero humano não teria uma personalidade sua, uma vida propria, porque apenas haveria uma vida individual errante, solitaria, balda de valor social e publico. Com o progresso realisa-se a vida collectiva e solidaria das gerações; o homem terá mais vida, sentir-se-ha maior.

O progresso é pois uma lei harmonica, salutar; liga as gerações e os povos; é a expressão do indefinido valor do homem e da humanidade.

Estas considerações geraes não bastam, porque apenas demonstram a nossa perfectibilidade e esta é apenas uma faculdade e como tal tem feição subjectiva. Devemos ir mais longe e estudar o progresso em si, na sua natureza e no seu alcance. Para este fim ouçamos previamente o sentir dos escriptores.

Segundo E. Pelletan o progresso é continuo, constante, indeffetivel e perpetuo; e realisa-se em todos os actos humanos, indo se sempre para melhor de dia para dia. O infinito e finito são irreductiveis e antinomicos, e são as duas formas do ser. O termo medio é o indefinido com idéa de movimento continuo para o ultimo polo, que é Deus. O progresso é pois o mediador entre o finito e o infinito, movimento em Deus, movimento indefinido. A vida universal é uma gravitação para o infinito. O progresso é o movimento universal dos seres, que, incessantemente sahidos de Deus, remontam sem cessar a Deus sem o poderem alcançar; e é a lei geral do universo, sendo a attracção apenas um episodio.

Carlos Bonnet, Flammarion, Figuier, Pezzani, J. Reynaud suppõem, que o nosso destino se continua incessantemente em outros mundos melhores.

Pierre Leroux faz o progresso perpetuo e esperando a

metempsychose e as palingenesias das renascenças, acha no progresso ou antes na historia dois termos: permanencia e mudança.

Vacherot crê, que é necessaria a definição do progresso para se evitarem muitos erros.

Renan considera o universo explicado pelo tempo e pela tendencia ao progresso. Suppõe, que houve um estado de embryão; que depois se engrandeceu a consciencia do ser e que pelo progresso os individuos revivirão em Deus e o verão gozando-o e cantarão um eterno alleluia.

Para Proudhon o progresso não existe sem a liberdade.

Enfantin define-o o melhoramento sempre progressivo, pela associação universal, da condição, moral, physica e intellectual do genero humano.

Bastiat crê na aproximação constante dos homens para um nivel commum physico, intellectual e moral, e ao mesmo tempo para uma elevação progressiva e indefinida d'esse nivel.

Renan encara o progresso no sentido lato applicando a theoria a todo o universo: Enfantin e Bastiat encaram a progresso praticamente sem o applicarem a todo o universo e sem o transformarem em evolução.

Segundo Gratry o progresso é a marcha de Deus sobre a terra. Bouillier pensa, que o homem é perfectivel e tem em si a faculdade do progresso, que é uma certa marcha livre para o melhor e é inseparavel da liberdade, sendo por isso privativo do homem. O progresso não é causa, nem é um ser, como o figura About, mas simplesmente uma lei. O progresso não tem inteiro imperio na moral nem n'outras especialidades dos fins humanos e tem limites. Esta mesma these é sustentada com pequenas differenças por outros espiritualistas e entre elles Javary, mostrando-se, que, apesar de não haver termo final para o progresso, esta lei não impera em tudo, como por exemplo na virtude, a qual, por ser praticada no seculo XIX, não é mais perfeita do que a de qualquer pessoa em seculos remotos: por isso a moral, tendo leis fixas, eternas e immutaveis, é independente do progresso.

Comte acha melhor, que a palavra progresso se substitua pela de desinvolvimento humano, considerado do pon-

to mais elevado, consistindo em fazermos sobresair as faculdades caracteristicas da humanidade, comparadas á animalidade. O seculo XIX não inventou esta idéa; mas estendeu as suas applicações á sociedade, á politica e a toda a humanidade no presente e no futuro. Comte parece crer no progresso em tudo, e até nas bellas artes e julga vel-o na historia da arte. Suppõe ainda, que não ha degeneração alguma nas nossas faculdades estheticas e contesta assim a these contraria de que haja duas excepções ao progresso: genio e virtude. É tambem este o voto de Perrault, que vê o progresso na moral e na arte.

Quanto á moral em quanto que Stael, Javary, Bouillier e outros, não suppõem haver progresso sem o cumprimento das leis moraes, escriptores ha, que evitam fallar na moralidade e no dever.

Edgar Quinet parece entender o progresso no sentido lato na sua ultima obra sobre a *Creação*, que é uma especie de historia geologica do globo e das floras e faunas correspondentes aos diversos periodos de evolução terrestre.

Bouillier e Javary mostram effectivamente com fundamentos, a nosso ver inabalaveis, que ha na natureza humana elementos permanentes, eternos, immutaveis e fixos. Do mesmo voto em parte e, salva sempre a indecisão de quasi todas as suas theorias, é Renan, que julga ser a razão no homem culto o desinvolvimento de que já existia em germen. Segundo estes escriptores esses elementos existem sempre: e taes são as leis moraes, o sentimento do bello, a idéa do justo, a boa intenção na virtude, a constituição do homem, o sentimento esthetico, finalmente outras faculdades e disposições.

Para Herbert Spencer o progresso é a tendencia á individuação, o que se opera pela transformação do homogeneo em heterogeneo, devendo assim o progresso chamar-se evolução e applicar-se a todo o universo. O progresso é necessario e independente da liberdade. O mesmo darwinismo determinista é professado por Bagehot, Buckle e outros evolucionistas.

Vê-se:

Que a lei do progresso está universalmente reconhecida:

Que as escholas espiritualistas sustentam, que ha elementos permanentes, effectivos, immutaveis, independentes d'esta lei:

Que os evolucionistas elevam o progresso á evolução, fazendo applicações a todo o universo.

Em presença d'isto torna-se indispensavel o precisar-se o alcance e natureza do progresso e fixar-se, se é universal e se é rectilineo.

Ás hypotheses do progresso *humano* universal oppomos:

1.º A existencia de leis moraes e juridicas, absolutas e permanentes, em que não ha additamentos possiveis:

2.º A existencia da virtude na consciencia e na intenção moral humana, pois essa virtude é tão respeitavel em Aristides como em Washington, em Joanna d'Arc como em S. Francisco d'Assis e nem augmenta nem é mais estimavel em Codro, em Cincinnato e em Pelayo do que em Bayard e no Cid e em D. João de Castro:

3.º A existencia do bello, que attingiu na Grecia o apogeu na esculptura conforme a epocha sem poder ir mais longe, sendo certo, que cada obra d'arte em si não é mais perfeita hoje do que outr'ora:

4.º A existencia das ieis logicas do nosso espirito, que são fixas e perfeitas, invariaveis e absolutas.

Estas e outras considerações nos desviam do progresso humano universal, com quanto reconheçamos, que ainda na moral, na arte e na intelligencia, ha progresso, não no sentido da creação de elementos novos, nem no sentido do transformismo dos existentes, mas no de serem melhor conhecidas as leis moraes, de se desterrarem certos motivos impuros de nossos actos, de se alargar a esphera esthetica e de melhor se formularem e desinvolverem as leis, que governam o nosso espirito. Schelling por exemplo collocava a arte na cuspide dos fins humanos e segundo o seu ideal a arte tem funcções elevadissimas, que não foram até hoje bem apreciadas.

Quanto ao evolucionismo ou á estensão da lei do progresso já fizemos ver, que concordamos em que a evolução abrange o universo, sendo o progresso a *lei humana*, isto é, uma das especies d'essa evolução. Somos n'este sentido evolucionistas.

Quanto ao progresso rectilineo, em que insistem E. Pelletan e outros, que seguem tambem a theoria do louvor ao bom exito e aos factos consummados, não podemos ir tão longe, porque forçariamos os factos, desconhecendo epochas muito desgraçadas na historia, temerosos cataclismos, desgraças muito lamentaveis, medonhas tragedias. E assim não sorrimos de prazer ao vermos as destruições de Carthago e de Jerusalem, as barbaridades da inquisição e a propria existencia d'esta, as perseguições dos judeus, o morticinio do dia de S. Bartholomeu, a nossa derrota em Alkacer—Quibir, as truculentas e frias devastações do duque de Alba na Europa sob as ordens do sombrio Philippe II, a destruição da Polonia e muitos outros factos de horrivel memoria.

Todo o socialismo é um protesto contra os factos consummados. As seitas asceticas da antiguidade desde os pythagoricos até os essenios e desde estes até as seitas e até o monachismo christão e até os anabaptistas, a *Utopia* de Thomaz Moro, a *Republica* de Bodin, a *Cidade do sol* de Campanella; o *Codigo da natureza* de Morelly, as aspirações de Mably e Fenelon, as idéas de Rousseau, as doutrinas de Owen, Saint-Simon e Carlos Fourier, o communismo da *Icaria* de Cabet, as edades de ouro dos millenarios, pintadas por Pierre Leroux com tanta proficiencia, mostram bem claramente, que a humanidade protesta contra muitos factos consummados e não os aceita, embora nem sempre esses protestos sejam o que devem ser.

Effectivamente os crimes da historia são sempre crimes e não é possivel conceber-se, que sejam uteis e louvaveis apezar de consummados. Quando no seculo x se imaginava o fim do mundo e os proprietarios se depojavam de todos os seus bens para os entregarem á egreja, o desfallecimento da humanidade foi total: ora não é facil conceber-se a utilidade de tal terror e o bem, que viesse ao mundo pelo universal desanimo de toda a sociedade.

O facto consummado não pode ser sempre absolvido e pelo contrario deve ser lamentado.

Uma das historias mais curiosas do mundo christão seria a historia dos acontecimentos e da marcha do genero humano por exemplo desde o advento do christianismo,

suppondo realisados todos os seus preceituados e especialmente a liberdade, egualdade e fraternidade, e supprimindo-se tudo o que tem tolhido a sua realisação, como abusos clericaes, jesuitismo e inquisição. Um esforço de perseverança d'este genero produziu a *Uchronia* de Rennouvier, philosopho da eschola critica de França, que é bem conhecido como renovador da philosophia de Kant em moldes novos. Rennouvier na *Uchronia* faz a historia da civilisação da Europa, não como Guizot, relatando o que foi mas dizendo o que essa historia teria podido ser. A *Uchronia* não é o sonho da felicidade no futuro mas no passado, e faz ver um certo ideal, que devia ter sido realisado. A *Uchronia* é pois um protesto contra a theoria do facto consummado, a qual rejeitamos e com ella a do progresso de hora a hora, rectilineo e determinista.

O progresso não é rectilineo nem inteiramente determinista.

CAPITULO SETIMO

THEORIA DAS LEIS DO IDEAL, DA SERIE E DA DIMINUIÇÃO DO ESFORÇO

So o homem hade realisar o seu destino, deve ter a idéa d'esse mesmo destino. Como porém a concepção de uma idéa tem um caracter meramente intellectivo, não se incita o homem a pratical-a em quanto ella permanece só na fria razão. É pois necessario, que haja um outro principio de vida, que acenda o homem. Este principio é o sentimento. O homem concebe a idéa e esta não fica envolta na sua propria natureza abstracta, porque o bem é sympathico. A idéa do bem casa-se pois com os sentimentos humanos, a ponto de se tornar n'um desejo inevitavel e ardente; e se ao mesmo tempo os dois conselheiros da alma lhe propõem a pratica de uma idéa, a razão, demonstrando a sua verdade, o sentimento, inflammado por ella, é imperioso, que a vontade obedeça a tão irresistivel

insinuação. Quando assim a idéa absoluta do destino humano, depurando-se no chrysol da razão, se allia com o sentimento por um laço sympathico, a idéa torna-se então o ideal do homem.

O ideal não é uma idéa pura, uma simples concepção intellectiva: é uma concepção abraçada pelo sentimento, para o qual tende a vontade imperiosamente. Todo o homem tem um ideal. Dá-se no nosso ser uma natureza geral, que exprime os principios fundamentaes identicos em todos nós. Tem todavia cada homem um fim especial, estabelecido pela sua vocação e tendencias peculiares. Na idéa do seu fim geral e peculiar, acompanhado de um vivo desejo de o realisar, consiste o seu ideal. Se o homem fosse privado de um ideal, marcharia ás cegas sem direcção nem plano, erradio, perdido no grande caminho da vida, o que repugna.

Mas o homem individual não é um ser desprendido dos outros seres, seus pares. Sendo uma parte de um grande organismo, hade reflectil-o conformando o seu ideal com o todo. Apparece pois á razão a idéa de humanidade.

O interesse, que nos inspira esta idéa, em que todo o nosso ser encontra a mesma feição, é uma voz profunda da nossa natureza. Somos todos um. Todos somos irmãos e devemos effectuar em cada um de nós e no conjuncto social a idéa do organismo universal, aperfeiçoando-nos e enlaçando-nos para formarmos, como disse Krause, um *mundo humano*. O individuo fortifica-se na humanidade e esta quebra-lhe as suas más tendencias, guiando a actividade de cada um para o bem commum. Como todas as instituições fazem parte de um organismo commum, cada um deve reflectir o todo. O individuo, a familia, o estado, a nação, a arte, a religião, devem ter uma organisação adequada á sua natureza peculiar e á união intima com a humanidade. Deve pois haver uma organisação geral e conforme á idéa de um mundo humano. E assim como o individuo tende irresistivelmente para a realisação do seu destino, para o bem, assim a humanidade apresenta as mesmas feições geraes. Toda a sociedade tem de cumprir a lei moral do bem, que lhe é um dever absoluto e imperioso. Ha pois na humanidade a idéa de um bem, con-

fórme á sua natureza, um bem para o qual ella tende.

Esse bem é o ideal da humanidade. Como o ideal tem duas faces, é uma das razões por que não faz equação com o bem: é uma idéa distincta. Com effeito o bem, quando se encarna em instituições, não deixa de ser bem: e o ideal realisado deixa de ser ideal, porque passa á ordem de facto consummado. Funda-se assim o ideal da humanidade no que lhe é essencial e permanente em todos os tempos e logares; e não podia deixar de ser assim, pois o homem e a humanidade são dotados de leis eternas, absolutas e permanentes. Assim como a natureza physica é eternamente governada por leis fixas, das quaes resulta a harmonia physica, assim o mundo moral deve tambem ser governado por leis, de que resulta a harmonia moral. O acaso é uma palavra sem sentido. Tudo é governado por leis. Assim como o individuo não actua sem ter premeditado a idéa, que hade realisar, assim a humanidade não marcha ás cegas, mas com a consciencia repassada do seu fim, a a razão senhora da sua idéa, e o sentimento abrazado no amor da civilisação. Portanto é lei historica é a existencia e realisação do ideal. Sem esta lei era impossivel a historia, porque seria um mundo sem ordem, nem inspiraria mais interesse que uma vã curiosidade. Hade pois dar-se sempre em cada uma de suas epochas um elemento eterno, ideal, que cada acontecimento particular não traduz, mas manifesta.

Os factos são variaveis, incompletos, infieis um tanto á idéa, que lhes dá origem; mas todos indicam uma certa idéa predominante. O ideal é esse elemento eterno e abstracto, reflexivo e geral: n'elle reside a mais elevada expressão de cada epocha. Hade forçosamente dar-se na historia um pensamento intimo, que actue sobre todos os homens, sem muitas vezes estes terem completa consciencia d'elle. É um grupo de idéas profundas, mas um tanto envoltas por vezes em um vago cendal. Encontramos este pensamento nas religiões, nas artes, nas leis e na industria. O mundo marcha com este luzeiro, e nem sempre tem consciencia do modo da sua marcha.

Tão indispensavel á historia é o ideal, que, dado elle, reconstrue-se pelo pensamento a sociedade, e, dados os

factos, descobre-se a idéa. É a philosophia, que arranca a todos os acontecimentos o seu segredo e descobre o ideal de cada epocha todas as vezes, que não está patente. Mas, conforme se alarga o dominio da civilisação, assim tambem se manifestam mais claramente a consciencia individual e a da humanidade; e assim se torna mais facil o conhecer-se o ideal de cada epocha. Todas as epochas manifestam os principios, que lhes deram a vida. Por outra parte, tendo o ideal por contheudo e mira a idéa e amor do bem, e sendo Deus o summo bem, não cabe a uma só geração realisal-o, e são os seculos, que se encarregam da constante e perpetua tendenaia para o bem, que é a ascensão do homem e da humanidade a Deus. Assim o ideal é tudo o que ha mais elevado e sublime no pensamento humano. É o infinito dentro do coração do homem: é a mais augusta divisa da humanidade.

O ideal é ume lei effectiva e real como todas as mais.

Passemos á lei da serie.

O homem não marcha, de dia a dia, de hora a hora, sem fazer certos pousos, que denominamos *series.*

Observemos a natureza humana: prescrutemos o nosso viver até divisarmos os visos de um novo arcano: depois profundemos o arcano desconhecido e façamos cair o cendal, que o encobrir. O educando inicia-se ao mesmo tempo em todos os ramos da actividade humana. No seu caminho, na sua educação predomina porém sempre um certo elemento, a que todos os mais ficam subordinados: na infancia as sensações e o instincto: na adolescencia o sentimento, intelligencia e vontade: na edade viril a razão è a liberdade. Não foi de um só jacto e por factos esparsos e desligados, que se educou o individuo: foi por pousos.

E n'estas pequenas epochas fórma-se no educando um todo de idéas e actos correspondentes a um certo systema intuitivo, realisado sem plena consciencia do seu estado. Tomemos um elemento da natureza do educando e veremos n'elle realisada a mesma lei. Assim a intelligencia começa n'um primeiro ensino, completo e harmonico, e depois prosegue n'um segundo e terceiro grau.

As edades do homem parecem destinadas a expressar esta marcha do educando. Só depois de realisada uma

certa classe de idéas póde o homem marchar para outra. O facto consummado serve de fundamento a outros novos; mas o aperfeiçoamento não se realisa por factos dispersos e por assim dizer errantes e casualmente tomados, mas por systemas.

É força, que o homem, dentro da sua esphera finita, assegure com um certo desinvolvimento geral e systematico as bases para uma superior renovação.

Assim é na humanidade. Para ficar seguro o ideal conquistado pelo progresso, forçoso é formar-se d'elle um todo compacto para que pela força da unidade resista aos embates do mal. Factos avulsos, destacados, desunidos, não deixariam vestigios da sua existencia. Sendo porém unidos em systemas, asseguram a marcha do homem para novos e ulteriores commettimentos. Estas verdades estão hoje depois dos trabalhos geologicos modernos mais que patentes, pois o globo e suas creações marcharam por series, como se evidenceia, estudando-se a flora e a fauna de cada cyclo.

Estes periodos, estes cyclos, assim formados systematicamente pela expontanea e natural intuição do genero humano ou dos povos, deixam eternamente conquistado um certo desinvolvimento da natureza humana. Pela força da conjuncção de todos os elementos, que formam um certo pouso civilisador, fica sempre no homem, como propriedade eterna sua, a melhoria alcançada.

O ideal da humanidade não se realisa por elementos soltos, esparsos e errantes, mas por civilisações. O ideal marcha por grandes pousos; e a viagem da humanidade, caminho do progresso, realisa-se por civilisações parciaes. Hoje dá-se uma certa harmonia physica e moral dos elementos da natureza humana: é uma certa civilisação. Amanhã já esta não é sufficiente e vae servir de base a uma outra e sempre assim indefinidamente. Um povo com certas idéas e sentimentos realisa uma parte do ideal da humanidade com um conjuncto unido e concatenado logicamente. Outro vem apoz; apropria-se dos elementos vivificadores, que já havia e faz incarnar em instituições sociaes outra grande parte do inexgotavel ideal da humanidade.

A geographia parece tambem combinar-se estreitamente com esta lei, porque cada povo reflecte no seu viver e na physionomia da civilisação o modo de ser do paiz. Dá-se tão apertado circulo entre o caracter de um povo e a configuração do paiz, que se chega a imaginar o dominio da geographia no povo. Este dominio não passa porém de uma influencia, que não é unica nem peremptoria, porque n'esse caso não haveria liberdade.

Estes pousos, estes systemas de factos, estas civilisações, indicam a lei da serie.

A serie é uma das formulas de cada civilisação e um caracteristico vivo e frizante. A formula do progresso na Grecia foi a divinisação do homem: em Roma o direito: no mundo barbaro a independencia e a dignidade do homem: na edade media já o feudo, já o municipio e já a theocracia: na historia moderna a realeza: na revolução de 1789 a liberdade, a justiça e a democracia.

A serie é uma lei *dupla*. Por um lado é um elemento conservador, porque a ordem estabelecida lucta contra as innovações. Por outro a serie é uma lei progressiva, porque conforme o globo se transforma e conforme a mutação das circumstancias, assim se transforma a historia, apparecendo novo ideal e novas series indefinidamente. A serie conservadora é fixa e permanente, e passa á ordem de facto consummado. As series, que vão succeder, são de ordem infinda.

A historia é uma descripção dos diversos pousos da civilisação ou das diversas series: o aperfeiçoamento realisa-se por systemas de factos logicamente conjunctos: manifesta-se a lei da serie. O ideal é a columna de fogo, que illumina o caminheiro: o progresso é a marcha incessante: a serie é o oasis onde descançamos. Pela serie fixa-se a idéa em factos: passa-se á realidade: o progresso indica a infinidão do tempo e do espaço a percorrer: o ideal descobre o infinito e o absoluto, que são os elementos do ideal, combinados com as circumstancias actuaes de cada epocha.

Concluimos, que a serie é uma lei historica de caracter duplo, que ora se manifesta no passado, ora no futuro.

Passemos á outra lei.

O homem tem de cumprir o seu destino ou de realisar integral e harmonicamente a sua essencia ou conformar o exercicio da sua natureza com o bem. Como o homem é um ser social, como o genero humano é uma irmandade commum, como o destino do homem se cumpre em seculos e se continúa na infinidade dos tempos, d'aqui nasce a historia. Os animaes não teem historia. Esta é privativa do homem: os animaes não passam de individuos.

Estudar a historia é estudar o destino humano. Descobrir as leis do cumprimento d'esse destino na historia, é descobrir as leis, a que obedece a actividade humana.

O homem é com effeito um ser activo. A sua actividade abrange as cousas terrenas e physicas e as cousas psychicas e metaphysicas, porque o homem é corpo e espirito e é um misto de trevas e luz. A actividade humana tem de ser incessante. O globo é bello mas a natureza é rebelde contra o homem e reage contra a sua soberania. Assim parece, que logo na sua entrada no mundo o homem se sente como um ser extranho á natureza. Em quanto que todos os seres vão logo realisando o seu destino e acham os meios correspondentes, o homem encontra-se dentro de um mundo, seu inimigo, que o não favorece antes parece ameaçal-o. Deporá então a sua corôa de primaz, o seu deadema de soberano? Ficará inerte e submisso perante a enorme catadupa, ante a espessidão da selva, a feroz panthera, o indomito leão, e a truculenta hyena?

Seria desconhecer-se. O homem reflecte e cria as artes. O homem pensa e prevê. Marcha de observação em observação: descobre as leis dos seres e domina o globo modificando-o e transformando-o pelos moldes das suas necessidades.

Rompe as montanhas, abate as selvas, povôa os desertos, cultiva as terras, fabrica as mil cousas, com que satisfaz as suas necessidades.

Os objectos naturaes conforme existem não podem ser assimilhados pelo homem. Assim são todos modificados, todos operados pela intelligencia do homem.

As sciencias organisam-se com as descobertas dos segredos da natureza e favorecem e guiam podérosamente os desejos do proprietario do globo. Depois com o acumulado

lidar das gerações o mundo, que parecia extranho ao homem recebe a sua imagem, estampada nos prodigios da actividade humana: grava-se em cada objecto o sello da nossa personalidade e as cousas invalidas recebem um valor, que é a intelligencia e liberdade humana, que n'ellas se infiltrára.

O homem era escravo da natureza a qual agora fica serva do seu pensamento, porqne o homem triumphou de todos os obstaculos e eil-o senhor de uma creação propriamente sua.

Foi a industria, foi o trabalho, que operou tantas maravilhas. Era empenho ideal da humanidade o triumphar da rebeldia da natureza. Realisou-o por meio do trabalho. E cantou um hosanna magestoso, qnando supprimiu todas as distancias, reduzindo o espaço a um simples theatro de suas gigantescas scenas pelo vapor e pela electricidade.

Agora vède o homem empenhado nos mysterios da sciencia. Tenta descobrir todos os mysterios e chama ao pensamento todos os seres para lhes descobrir as relações e leis. Concentra-se nas mais intimas recamaras do pensamento e da consciencia e tenta conhecer-se. Descobre as duas substancias, cuja umão intima e harmonica forma o homem.

Tenta pôr patente a natureza do espirito: descobre e classifica as suas manifestações mais geraes: penetra na origem de todos os conhecimentos. Divisa o uno e identico do espirito humano e quer ir mais alem e vae arrancar das mais reconditas profundezas de seu ser as leis moraes: descreve a essencia d'estas e remonta ao seu auctor.

E em posse da idéa do infinito tenta lançar na immensidade a temeraria sonda do seu pensamento. Possuido do sentimento do bello individua a sua concepção sublime em obras primas, creando as bellas artes.

E tudo isto é a realisação do seu eterno ideal.

A cada fim humano corresponde a concepção de um ideal Mas não basta conceber é necessario trabalhar. A obra é assombrosa mas não desmaia o homem ante o difficil. A intelligencia humana é grande e por vezes se perde e baqueia no abysmo do erro. Mas o homem não desanima e segue sempre: tem o trabalho physico, moral e intellectivo, para obter a victoria.

O trabalho é o premio de si proprio e não é por tanto um castigo mas uma resulta fatal, inevitavel, necessaria, e espontanea da natureza humana: e é assim uma lei irrefragavelmente imperiosa. Para aniquilarmos o trabalho era mister aniquilarmos a nossa natureza. O tumulo de um perfeito marasmo, em que sepultassemos a nossa natureza, seria um impossivel. Sem o trabalho não haveria historia, porque não haveria factos e não haveria vida.

O trabalho porem não é o esforço. Este tende a diminuir pelos meios da civilisação.

Mais civilisação: menos esforço: maior resultado. Menos civilisação: maior esforço: menos resultado. As pyramides do Egypto occuparam milhares de pessoas e annos e annos: hoje os inventos da civilisação alcançam obras muito mais gigantescas com menos esforços e em menos tempo. Por isso o trabalho existe sempre e o esforço diminue todos os dias. A civilisação consiste em grande parte em se facilitar a realisação do ideal humano com menos esforço. O trabalho é uma lei: o esforço brutal é uma affronta, que não deve subsistir. N'outros tempos a evangelisação de um principio novo era de uma espantosa difficuldade e pedia esforços perseverantes e altamente afadigosos. Hoje a idéa nova propaga-se rapidamente com muito maior perfeição e com muito menos esforço. Assim a diminuição do esforço está na razão directa da civilisação de um povo.

A diminuição do esforço é pois uma lei historica, que faz parte do ideal da humanidade.

Todas as doutrinas, que temos exposto, são apenas alguns dos fundamentos de uma doutrina mais geral, que deve abranger no seu todo as especialidades das diversas theorias. Em quanto ha só theorias não ha certeza na sciencia: desde que se reunem em systema, vê o espirito humano um quadro completo, a que adhere.

As leis da certeza são o ser, a desinvolução e a harmonia: o espirito vê a idéa ou idéas: discute-as pela reflexão e só adquire a certeza na synthese, onde se alliam todas as theorias para formarem uma só verdade, simples e clara, como a luz. Vamos pois completar as nossas exposições no seguinte capitulo.

CAPITULO OITAVO

THEORIA DAS LEIS GERAES DA HISTORIA

O homem não inicia a vida do pensamento pela reflexão, mas sim mirando as cousas no seu todo por intuição expontanea. A reflexão é propria de quem põe ante si o objecto e deseja penetrar na sua natureza intima, o que não é possivel sem a decomposição dos objectos em seus elementos, sem o seu exame, abstracto e por diversos lados, isto é, sem se applicar a abstracção á noção simples, que tinhamos das cousas. A reflexão nunca seria possivel sem termos previamente uma noção imperfeita do objecto, qualquer que seja a verdade do nosso primeiro pensamento. A reflexão é totalmente incapaz de nos dar a noção das cousas, porque o seu processo é a abstracção, e esta recae sempre n'uma noção recebida antes. A reflexão aperfeiçoa o nosso conhecimento, quando ella é completa e quando depois

d'ella recompomos as cousas, que pela reflexão tinhamos desunido. Sem a reflexão não ha sciencia e sem a intuição não ha conhecimento algum: esta marca o alvorecer da intelligencia: aquella a edade adulta. Uma completa a outra. É por estes e outros fundamentos, que a eschola escoceza de Reid mostrou ao claro. que o juizo não é simplesmente (como por muito tempo se pensou) a enunciação da relação entre duas idéas: ha affirmações expontaneas, que procedem da nossa faculdade intuitiva. Estas affirmações não se dão só no homem individual, mas na humanidade: e não procedem da reflexão, a qual não teria logar sem essa precedencia. As affirmações primevas constituem o primeiro cabedal da humanidade, e são de um valor inestimavel. Mas nem a intuição passa de uma simples affirmação: nem a reflexão constitue a sciencia. Ha um terceiro termo na laboração psychologica, sem o qual seria impossivel o pensamento. Esse terceiro termo é a synthese, pela qual tornamos depois da reflexão a voltar a uma intuição completa, reflectida e perfeita. O primeiro termo é expontaneo, simples e objectivo: o segundo desordenado, lento, composto de grande quantidade de elementos, multiplo, subjectivo, quasi sempre imperfeito: o terceiro é parecido com o primeiro pela recomposição, que se opera; e pode ser perfeito, quando o segundo termo tenha sido bem elaborado pelo entendimento.

O primeiro termo indica uma totalidade existente, um ser qualquer: o segundo comprehende o numero de relações d'esse ser; o terceiro é a ordem nas cousas, e a reunião de todos os elementos, que a abstracção reflectida apurou, e a formação do mesmo ser, mas ordenado: o terceiro termo é portanto uma harmonia. O primeiro é a totalidade de que tratamos, e que podemos designar pela palavra—ser: o segundo é a maneira de ser, abrangendo as relações d'essa natureza, podendo estas ser designadas pela palavra—manifestação: o terceiro é a ordem na multiplicidade, e esta ordem é portanto—harmonia.

Assim as leis psychologicas do conhecimento são a noção, reflexão e synthese, e d'estas se deduz, que as cousas se nos apresentam como *seres*, depois estes como

manifestações, fundindo-se depois os dois termos na *harmonia*.

A logica ensina o mesmo. Quando temos ante o pensamento a noção, queremos logo saber a relação do objecto, e afinal saber a ordem, a que pertence para marcharmos da primeira unidade para a multiplicidade, e d'esta para a ordem. A logica ensina ainda a classificarmos os objectos em generos para simplificação das cousas, e todo o genero envolve a victoria da simplicidade, do uno sobre a multiplicidade e o composto. A logica mostra pois como verdadeiras as mesmas leis do ser, da manifestação e da harmonia, ou ordenação do pensamento.

A logica obriga-nos ainda a achar necessariamente a ordem, sem a qual não descançamos. Ao pensarmos nas noções do facto e do direito, e nas da lei vigente e da justiça, achamos logo pela reflexão o antagonismo entre o facto e o direito, entre a lei por vezes imperfeita e a justiça, que pede outros principios. Depois d'esta desordenada disposição de elementos chegamos afinal a estabelecer uma lei simples: *a justiça vencerá o facto*. Só então o espirito fica tranquillo, porque achou o terceiro termo sobre os antagonismos reflexivos.

A ordem, que é o terceiro termo, não comprehende sómente a recomposição, mas sim e tambem, como já facilmente se vê, a idéa do ultimo genero, e só n'esta se termina a laboração do pensamento.

Não podemos aqui desinvolver a nossa theoria sobre as idéas ontologicas, quasi expulsas hoje da sciencia em nome do experimentalismo, que, á maneira de Locke, tenta reduzil-as a elementos adquiridos, apezar das profundas dissidencias, que nos proprios evolucionistas e positivistas lavram, pois n'estes ultimos alguns ha, que sustentam a necessidade da metaphysica. Partimos do principio de que taes idéas são permanentes, absolutas, eternas, fundamento das cousas, leis do pensamento e da natureza, modello da creação e caracterisadas tambem pela impersonalidade e universalidade, como verbo de Deus em nós.

Essas noções, esses moldes eternos, que Bossuet, Fenelon e Leibnitz, inspirando-se em Platão e Santo Agostinho disseram ser o proprio Deus, são elementos de todas

as cousas, e por isso lhes damos o nome de *idéas-elementos*.

A mais generica é a idéa de ser, sem a qual é impossivel toda e qualquer concepção, e que é fundamento de todos os juizos, por isso mesmo que n'ella está a affirmação. Esta idéa-elemento não é uma palavra occa, antes n'ella estão todos os elementos da realidade, logo que se ligue com a theoria do infinito, como faremos ver.

A idéa de relação—manifestação das cousas, é perfeitamente generica e segue logo depois de acharmos uma totalidade existente.

A idéa de ordem é para a idéa do ser como a noção é para a synthese, pois o ser conduz virtualmente á ordem.

Estas leis, ser, manifestação e, harmonia, comprehendem em si tudo o que ha mais generico no mundo metaphysico e no mundo sensivel.

Aristoteles fez uma classificação das idéas-elementos. Kant fez nova classificação. Além d'estes trabalhos poucos mais ha dignos de menção a não serem os de Krause, que se prestam a criticas maiores, que os de Kant. Ambos porem, Kant e Krause, exhibiram as tres leis da these, antithese e synthese, transformadas por Krause na unidade, variedade e harmonia. Krause porém, além de uma ontologia imperfeita, não foi sufficientemente rasgado n'aquellas tres leis, que não podiam no seu systema conduzir a resultados perfeitamente verdadeiros.

Santo Agostinho, na sua obra magistral sobre a trindade, tinha declarado, que toda a creatura subsiste no seu ser, tem uma fórma, que lhe é propria e que a classifica n'uma especie particular entre os seres, e é ordenada em alguma outra. Assim em tudo ha o numero, pezo e medida: a medida na substancia, o numero na especie e o pezo na ordem. O numero é a ordem, proporção, conveniencia ou symetria das cousas. O numero eterno é fonte de toda a ordem. Esta theoria de Santo Agostinho não foi por elle desinvolvida e desappareceu da sciencia.

Cousin achou dois termos: a expontaneidade ou intuição e a reflexão: não foi mais avante, e por isso ficou a sua philosophia privada de concatenação. Na theoria do infinito contentou-se em declarar, que existe o finito e infinito, e

que ha uma relação entre ambos: mas diz, que estes tres elementos os expõe sem os ordenar!

Os estudos allemães, os systemas italianos de Rosmini e Gioberti sobre o ser, os profundos estudos sobre o infinito feitos por Tiberghien, Alaux, Bordas-Demoulin e outros, que entenderam n'este estudo pelo lado mathematico da theoria dos limites e pelo lado metaphysico, vieram aclarar este objecto importantissimo, reduzindo-se a sciencia n'esta parte a leis precisas e claras, que não podemos aqui expôr, pois apenas queremos dizer, que d'essas theorias resulta, que a idéa de ser se liga á propria idéa do infinito, formando a realidade das cousas.

Partindo da theoria do infinito, mostra Bordas-Demoulin (mal apreciado em França e quasi desconhecido) que toda a cousa é, e é de certa maneira, e é ordenada n'um genero, isto é, n'um infinito relativo d'entre a infinidão de infinitos relativos até se chegar ao ultimo termo. Ser, ser de certa maneira, pertencer a um infinito relativo, taes são as tres leis de Bordas-Demoulin, que muito explorou a philosophia de Malebranche sobre os infinitos relativos.

Agora continuemos.

Todo o ser é um infinito relativo: toda a manifestação é uma relação d'esse infinito: toda a ordem nasce da lei, que colloca os objectos em um infinito relativo genero, que abrange em si outros infinitos relativos. A idéa de ser como primeira lei não é pois um objecto ideal: é a realidade viva das cousas.

O nosso systema, fundado nas tres leis do ser, manifestação e harmonia, acha pois defesa na psychologia, na logica e na ontologia.

Com estas tres leis póde explicar-se toda a sciencia humana: n'ellas, cremos, vae envolvida toda a historia da philosophia. Estas leis não são as de Santo Agostinho nem as da philosophia allemã: não são as de Cousin nem as de Bordas-Demoulin: mas o auctor d'este systema honra-se de apresentar os parentescos mais ou menos proximos de um novo systema philosophico, universal, que em tempo será desinvolvido e demonstrado com applicação a todos os ramos do saber humano, sendo a theoria das leis historicas uma das applicações do systema.

E para que não pareçam ideaes estas leis, que prendem com um systema, que se ageita a todas as sciencias, podemos lançar mão dos factos. A linguistica mostra hoje, que a linguagem não procedeu de creação lenta. A linguagem não começou, como disse Pelletan, por sons inarticulados para lentamente apparecerem as linguas. A linguagem appareceu logo toda expontanea, porque a reflexão seria incapaz de a crear. Houve pois creação expontanea nos tres generos de linguagem monosyllabica, agglutinante e flexiva. Depois seguiu-se o periodo da formação, que foi lento, evolutivo e multiplo. E, finalmente mostra hoje a linguistica os elementos communs, mais patenteados ainda na grammatica geral philosophica e na logica.

A linguistica está pois de accôrdo com o nosso systema philosophico em mostrar a lei do ser na creação da linguagem, a da manifestação na formação das linguas e a da harmonia nos elementos comparados das linguas e nos elementos communs das proprias leis logicas da grammatica universal.

Se consultassemos o grande livro das religiões comparadas ainda veriamos as mesmas leis. As primeiras religiões foram cosmogonicas e abrangiam toda a sciencia humana. Era a lei do ser, abraçando em si todo o saber humano n'uma só unidade. Depois seguiu-se mais tarde a separação: as religões tomaram feições especiaes, deixando á sciencia a sua missão e a sua esphera. A historia religiosa em nossa opinião é inadaptavel aos suppostos tres periodos fetichista, polytheista, e monotheista. Esta theoria, tão pregoada, reputamol-a superficial e erronea em essencia. Seja porem como for, é certo, que as primeiras religiões eram uma unidade scientifica cosmogonica e põem bem patente a instituição primeva, inicio do pensamento humanitario, intuição, onde virtualmente estava contida a sciencia humana.

Se consultassemos o sentir da humanidade achariamos o accordo geral dos povos na existencia de uma edade primitiva, em que o bem não era contrabalançado pelo mal, em que não existiam a fadiga da vida economica nem as luctas das edades subsequentes. Essa edade é des-

cripta pelas religiões, pela poesia e pela tradicção, com o nome de paraizo nos povos semiticos, de edade de ouro na Grecia e em Roma.

É este o sentir commum, onde a primeira lei do nosso systema é ensinada pelo genero humano, que a proclama nas crenças, nos mythos, nas legendas, nos livros sagrados e na poesia. A segunda é egualmente proclamada pelo sentir humano, que declara seguir-se á primeira edade uma outra cheia de luctas e de males.

Como porem conciliar a edade primeva com os factos reaes e paleontologicos, que mostram hoje a humildade do primitivo viver do genero humano e os cyclos ou periodos das edades da pedra até á edade de ferro? A difficuldade não é invencivel e acha solução.

Assim temos as nossas leis proclamadas á priori pela philosophia e verificadas na sciencia. E não pareça que queremos forçar os factos a adaptarem-se á theoria fazendo-os obedecer a concepções a priori. Ou caminhemos dos factos para os principios ou d'estes para aquelles. encontraremos as mesmas leis. Se, partindo da glottica primaria e do seu seguimento, quizermos achar as leis da linguistica, depararemos pelo processo inductivo com estas leis. Se dos dados philosophicos, do estudo do homem e da lingua, quizermos deduzir as leis da linguistica, tambem chegaremos ao mesmo resultado. A razão e a experiencia concordam n'uma revellação commum, que é harmonica e verdadeira.

A segunda lei—relação das cousas, manifestação, maneira de ser das cousas — não é uma lei simples mas sim altamente complicada, indicadora de elementos multiplos e representando sempre a reflexão, onde se dá tambem o caacter da multiplicidade. É a lei, que representa a lucta de elementos na sua composição e decomposição.

A terceira lei — synthese, harmonia, ordem—é um regresso á primeira mas por outra forma e depois das numerosas, difficeis e tormentosas luctas, enunciadas na segunda lei.

Poderemos porem dos presentes dados partir já para a historia humana sem mais reparo? A historia humana não é mais que a representação do homem, como actor, o theatro, em que este se mostra e actua?

Segundo alguns escriptores ha uma profunda separação entre o homem e a historia. Esta contém em si muitos outros elementos, taes como as circumstancias geographicas, ethnologicas, biologicas, philosophicas e religiosas. Estamos de accordo n'esta theoria ; só não lhe aceitamos as consequencias, que se querem deduzir e que não estão nas permissas. A historia não é só o homem: é tambem o globo: representa muitas outras circumstancias, que não podem ser desprezadas. O homem civilisado de Paris não póde ter o mesmo viver que o selvagem da America: o allemão, que pensa friamente nos climas do norte sobre os destinos do homem, não póde viver da mesma fórma que o italiano, entregue á doçura do seu clima e á indolencia d'aquella explendida natureza. E posto isto, a natureza do homem não é sufficiente para nos indicar as leis da historia.

Será esta porém uma sciencia meramente natural, de experiencia, de observação e um dos ramos da historia natural? Para o affirmarmos seria necessario, que suppozessemos o homem um mero actor passivo, simples authomato, victima dos motivos, machina impulsada só pelos motores das circumstancias. O homem assim seria um ser sem dignidade, irresponsavel, um ser nullo, simplesmente guiado pelas influencias, que o rodeiam.

São estas as consequencias do determinismo puro, em presença do qual não ha moral nem direito, nem personalidade, porque o homem fica reduzido á mera vida animal sem outra qualquer differença.

Entendemos portanto, que a historia é, como outras, uma sciencia mixta, que participa não só da natureza do homem e da sua liberdade predominantemente, mas tambem das circumstancias: da razão e da experiencia.

E posto isto, continuemos na definição das tres leis no campo historico, leis de que já fizemos menção na theoria da finalidade humana.

A primeira lei—intuição—comprehende pelo menos dois elementos, a saber: por uma parte finalidade humana, pois a historia põe em relevo os fins da humanidade, e por outra a intuição primitiva quanto á execução e proseguimento d'esses mesmos fins, attendendo-se sempre á vida no globo.

A segunda manifesta um caracter duplo: conservação e evolução.

A terceira, comprehendendo a primeira e segunda, facilmente se define.

O seguinte quadro mostra em resumo as principaes feições d'estas tres leis:

1.ª Lei. A humanidade com fixidão de elementos.
- Finalidade humana.
- Elementos biologicos, antropologicos e outros.
- Intuição primitiva em todos os fins humanos.

2.ª Lei Relação, manifestação, maneira do ser da humanidade.
- Leis conservadoras.
  - Ideal em cada epocha.
  - Fixidão de elementos congruentes em series successivas de ordem fixa, seguidas de outras indefinidas de ordem infinda.
- Combate perpetuo com cataclismos por vezes.
- Leis de evolução.
  - Meios e causas do progresso infindo com fixidão e permanencia dos elementos invariaveie e absolutos.

3.ª lei. Ordem. Harmonia.
- Realisação do ideal com diminuição do esforço.
- Espiritualisação da humanidade.
- Solidariedade universal com liberdade individual.
- Parallelismo commum.
- Augmento de civilisação.
- Prosecução successivamente mais consciente dos fins humanos.
- Religião do espirito.
- Largo cumprimento dos fins humanos.

→ O infinito na historia

A formula comprehensiva de toda a historia humana parece-nos ser esta:

«O homem e a humanidade realisam, livremente e sob leis effectivas, a sua finalidade, começando na primeira edade historica por uma viva intuição em todos os objectos da actividade humana, dando-se na segunda o antagonismo reflexivo e por vezes excessivo pela lucta dos elementos conservadores com os evolutivos e em todas as subdivisões de edades e nas series especiaes da vida commum e da vida dos povos a lei da harmonia, que quebra as contradições e faz caminhar as individualidades e o ser collectivo para um perpetuo ideal, alargando-se successivamente as espheras da vida e da civilisação com a mira no infinito.»

Estas leis são as principaes e não explicam toda a historia sem auxilio de outras leis secundarias e subsecundarias, cuja exposição seria longa e que por isso supprimimos n'este quadro generico, onde se patenteia o essencial.

A nossa philosophia não perde um unico elemento e recebe as indicações da experiencia e da razão, unidas em um hymeneu scientifico: a realidade e o facto deixam-se güiar pelo ideal, pelo direito e pela moral. N'esta philosophia não ha elementos meramente ideaes nem a simples experiencia antes sim a combinação harmonica do real e do ideal, da fatalidade e da liberdade, do corpo e do espirito.

Aqui chora-se com a humanidade, quando esta soffre, quando ha cataclismos e desgraças, porque o progresso não é rectilineo; e não se eleva o templo ao crime, que vence, nem se queimam incensos para louvor e homenagem do vicio explendido e ovante. Se Cezar morre, traiçoeiramente assassinado por Bruto e Cassio, a nossa philosophia não tripudia sobre o cadaver do generoso homem, que estendia os direitos civicos ao povo todo e que, contendo em si a alma de tantos povos, queria crear a cidade eterna do direito, quebrando todas as desegualdades.

A nossa philosophia não é determinista nem entende o homem curvado ao imperio unico das circumstancias e espera o esforço da virtude e do genio do agente perseverante a triumphar do meio ambiente, que o circumda, elevando-se como Spartaco sobre esse meio a prenunciar outros principios.

A nossa philosophia não reconhece o progresso rectilineo, de hora a hora, mas sim o progresso effectivo, real, certo e incontestavel.

N'esta philosophia ha toda a realidade, porque se não forçam os factos antes se escutam as inducções, que d'elles surdem. Na segunda lei por exemplo expoem-se a lucta do mal e do bem, do mal, que foi um bem em certa epocha e será um mal relativo n'outra, o espirito conservador, que se deffende em nome de gloriosas tradicções e o ideal, que se levanta, radiante de luz, a prophetizar melhor viver e a atrahir os pensadores e mais tarde o povo sedento de bem estar. Toda a historia humana está prompta a deffender os elementos da segunda lei, que é uma perfeita copia dos factôs.

Se a primeira lei é uma virtualidade, a terceira comprova a primeira e indica a parte prophetica d'esta grande sciencia, pregoeira do futuro, e asseguradora de novas esperanças, escriptas na columna de fogo do ideal.

Finalmente a nossa philosophia é espiritualista e honrase de o ser, porque é nossa convicção, que tambem a humanidade o é nas suas feições, nas suas crenças, em seus mythos, e legendas, em suas religiões, emfim na sua natureza moral. O materialista é um desertor da razão. sempre contradictorio, sempre exclusivo, sempre erroneo nas suas tristes affirmativas. Nunca a humanidade o acompanhará, porque o não conhece; é um extranho, que se renega à si proprio, desconhecendo a natureza da nossa alma e a da humanidade. Por isso disse de Maistre, que o universo é uma ordem de cousas invisiveis manifestadas visivelmente.

A nossa philosophia ontologica não desconhece facto algum nem os progressos das sciencias modernas mas trata de concatenar os trabalhos humanitarios, dando entrada a tudo que é real e verdadeiro.

É nossa profunda e inabalavel convicção, que só ha universalidade na metaphysica e não em leis de experiencia, que são sempre transitorias, passageiras e muito relativas e não traduzem por tanto a marcha geral da historia nem os elementos fixos da natureza humana.

Assim vê-se na nossa philosophia o logar da evolução

na segunda lei. A evolução é uma lei irrefragavel: figura como elemento essencial e indeffectivel; mas é uma lei particular, um circulo mais pequeno, que cabe dentro d'outro maior.

A metaphysica abrange o mundo, o homem e Deus, como verbo do proprio Deus; e, amostrando por termo sempre vivo o infinito, abre um campo vastissimo ao nosso viver e não cae no nirvana de Schopenhauer.

A nossa lei, sendo a lei de Deus, é sempre a victoria do bem sobre o mal, o infinito em todas as manifestações da actividade humana.

Finalmente, se o tempo nos não escaceasse, poderiamos mostrar, que apezar da independencia, com que nos desviamos de todos os philosophos para seguirmos um novo systema, que a intuição e o estudo nos fez aceitar, está no nosso systema representada toda a philosophia, que nos antecede, não á maneira de Cousin, que só expoz theorias dispersas e sem systema, mas de um modo verdadeiramente scientifico, em que todas as escholas se acharão representadas e todas as theorias perfeitamente unidas entre si a formarem systema.

A historia da humanidade e a exposição das leis, que a regem, apenas anda esboçada até hoje: não vemos trabalho algum, que mereça o nome de monumental, porque tudo achamos acanhado. Se os nossos escriptos concorrerem para em tempo se escrever uma historia, que mereça este nome, não será baldada a exposição de um systema, onde a humanidade se contempla grandiosa e defrontada com o infinito, a que tenderá perpetuamente.

FIM

ERRATAS PRINCIPAES

ERROS	EMENDAS
Pagina 16, linha 19	
seculo XVIII	seculo XVII
Pag. 22, linhas 15 e 16	
nella mostra	nella se mostra
Pag. 44, linha 5	
lvo	alvo
Pag. 47, linha 6	
indivuado	individuado
Pag. 50	
com fixidão da natureza	com fixidão de natureza
Pag. 59, linha 22	
ieis	leis
Pag. 66, linha 12	
tendenaia	tendencia
Pag. 78, linha 33	
instituição	intuição
Pag. 81	
maneira do ser da humanidade .	Maneira de ser da humanidade
No Indice	
Theoria do processo	Theoria do progresso.

INDICE

PREÇO 300 RÉIS